

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**KAUHANA ZUBOSKI STOLL**

***“É POPULAR BATER EM MULHER?”***

**VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER:**

**A escola como espaço de desnaturalização e transformação**

Porto Alegre

2019

**KAUHANA ZUBOSKI STOLL**

***“É POPULAR BATER EM MULHER?”***

**VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER:**

**A escola como espaço de desnaturalização e transformação**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Rosimeri Aquino da Silva.

Porto Alegre

2019

**KAUHANA ZUBOSKI STOLL**

**“É POPULAR BATER EM MULHER?”**

**VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER:**

**A escola como espaço de desnaturalização e transformação**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Rosimeri Aquino da Silva.

Aprovada em:

PARECERISTAS:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosimeri Aquino da Silva - Orientadora  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Prof. Dr. Leandro Raizer - Parecerista  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a minha família. A minha vó, dona Adélia, obrigada por toda dedicação, pelo carinho, pelo cuidado, pelo amor incondicional que sempre me ofereceu. Agradeço a ti por tudo, por ter me criado, por não ter desistido, por ser a mulher que tu és, guerreira, forte, linda, inteligente, que batalha e batalhou muito para criar suas filhas, depois suas netas e netos e agora suas bisnetas. Mulher, que trabalhava como costureira fez de mim a primeira da família a ingressar e se formar no ensino superior. A ti devo tudo, principalmente a vida. És tudo pra mim, um exemplo, uma mãe, uma avó, meu porto na vida. Por tudo isso e muitas outras coisas que aqui não cabem, esse diploma também é seu. Te amo.

A minha irmã Kayane. Obrigada por ser essa pessoa incrível, talvez tu não saibas, ou não acredite nisso, mas tu és meu orgulho, meu ratinho. A minha tristeza é não termos tido a oportunidade de sermos criadas juntas, mas sempre que estávamos juntas eu era muito feliz. Obrigada pela Isis mais um bebê lindo que nos dá muitas alegrias. Te amo.

Aos meus dois irmãos Lorenzo e Bernardo. A vocês também dedico esse diploma. Lorenzo, obrigada pelas noites, logo que iniciei a graduação, que passei estudando ao seu lado, lendo textos, escrevendo meus trabalhos e observando você, esperando tu acordar para trocar sua frauda ou te dar mamadeira. De longe foi um dos momentos mais felizes da minha vida. Bernardo, obrigada por existir, por ser essa criança linda e quietinha. Vocês dois são tudo pra mim. Amo vocês de forma incondicional.

A Kerolyn. Obrigada Keke por toda a infância compartilhada, pelas brincadeiras, pelas travessuras, por usarmos as maquiagens da vó e ficarmos assustando os outros pela janela. Agradeço por ter me escolhido como dinda da Serena, meu grande amor, minha pequena vidinha.

A Serena. Obrigada por todos os momentos em que eu estava enlouquecendo com os trabalhos da faculdade e tu entrava dentro do meu quarto para bagunçar tudo e me fazer brincar contigo. Tu és meu pedacinho de vida. A Didi só tem a agradecer por ter a oportunidade de te ter na vida. Te amo infinitamente.

Ao Lucas. Obrigada meu companheiro, meu amigo. Agradeço por todos os momentos em que estive ao meu lado, antes e durante a graduação, essa caminhada não seria a mesma sem você. Obrigada pela paciência, por todo o amor, companheirismo, cuidado, por todos os momentos que me incentivou e jamais me deixou desistir. Você me fez crescer, conhecer um leque de possibilidades, de conhecimento, de tudo. Compartilhar a vida contigo tem sido uma

das maiores alegrias da minha vida. Que venham muitos anos, muitas alegrias, muito amor, muitas conquistas e companheirismo. Te amo muito.

À família Koglin, em especial a Patrícia, minha sogra. Obrigada por me receber tão bem em sua casa, por me tratar de forma tão carinhosa e com tanto cuidado. Vocês também foram importantíssimos nessa trajetória.

Ao Hugo. Meu grande amigo, agradeço a ti por todos os momentos que estive ao meu lado, pelas tardes de estudo para entrar na universidade, pelas noites em claro fazendo os trabalhos da faculdade. Tudo foi tão bom e maravilhoso, a rotina dos ônibus se tornou muito mais branda quando estava ao teu lado. Obrigada por acreditar em mim, por toda sabedoria e discussões que me fizeram crescer, repensar meus pensamentos e também ter a certeza de muitos deles Tu és uma pessoa incrível e com uma inteligência absurda, um grande amigo, meu melhor amigo. Te amo.

A Renata. Minha amiga, meu orgulho. Obrigada por tudo, por todo exemplo que tu és, por todos os momentos que me xingou, que puxou minha orelha, que abriu caminhos para a vinda de outros pensamentos, de novas formas de ver as coisas e a vida. Tu me fazes crescer sempre. Obrigada por todos os momentos de minha vida que sempre tive a certeza que poderia contar contigo independente da situação. Eu tenho a sorte de te ter como amiga. Te amo.

A Thais. Minha amiga, minha linda. Obrigada por todos os momentos que me fez expandir os conhecimentos, por toda amizade, por todas as vezes que pude contar contigo nos momentos mais difíceis da minha vida. Tu és muito especial e tem um potencial gigante, acredita em ti, porque eu acredito. Te amo miga.

Aos meus outros amigos de quatro patas. Beli, Pitinha, Lili, Lola, Princesa, Gisele, Floquinho (em memória), Tina, João, Frida e Lourdes Maria. Agradeço pelos momentos em que me fizeram rir, em que foram meus companheirinhos. Tudo se torna mais fácil quando tenho vocês pra me incomodar.

A todos e a todas que fizeram parte da minha trajetória, principalmente as mulheres e as de minha família. Amo vocês.

A minha orientadora Rosi. Obrigada pela liberdade na escrita e por ter me ajudado nessa caminhada.

Ao Leandro Raizer, fostes muito importante em minha trajetória acadêmica. Obrigada por ter ajudado tanto nestes últimos dois anos.

Por fim, a todas as mulheres vítimas de violências, também àquelas que não estão mais entre nós em decorrência do feminicídio. A todos os professores e professoras que lutam

por uma educação libertadora, transformadora e popular. A todos os alunos e alunas que vêm se dedicando a mudar nossa sociedade, em transformar seus pensamentos e daqueles que os cercam. Que lutam por uma educação crítica e libertadora. Repensar a forma como as mulheres são vistas, lutar por uma vida livre de violência e pela emancipação da mulher na nossa sociedade é tarefa difícil. Por isso, agradeço aos professores e professoras, aos alunos e alunas do CIEP que se propuseram a fazer isso, a ressignificar a prática docente e discente. Muito obrigada por mostrarem que é possível pensarmos na escola como um espaço de transformação, desnaturalização e prevenção da violência contra a mulher.

## RESUMO

Nesta monografia realizo a pesquisa através de um estudo de caso buscando entender como a escola pode ser um espaço de prevenção e transformação do cenário da violência contra a mulher em nossa sociedade. Partindo das perspectivas de docentes, discentes e orientação escolar. Assim, trago ao longo da escrita minhas motivações para essa pesquisa, como também o cenário que me levou a escolha da instituição escolar pesquisada e sua breve contextualização. Retomo as leis e orientações que organizam a educação básica para fundamentar a temática na escola e o porquê de sua importância. Após, conceituo ‘violência contra a mulher’, bem como seu cenário no Brasil e como a escola também é um dos espaços de prevenção da violência contra a mulher. A seguir, abordo os dados da violência e feminicídio no Brasil demonstrando como a temática se mostra urgente. A partir disso faço a análise das entrevistas semi-estruturadas que realizei com docentes, orientação pedagógica e discentes. Analiso como eles conceituam a violência, se a temática é importante em sala de aula, se a escola é ou pode vir a ser um espaço de transformação, além das especificidades trazidas pelos entrevistados. Por fim, realizo considerações sobre a instituição, os alunos, os professores e a própria temática. Como os discentes acreditam na escola como um espaço propício para abordar temas sensíveis, principalmente em relação à temática da violência contra a mulher.

Palavras-chave: Violência. Sociologia. Mulher. Educação. Transformação. Prevenção.

## RÉSUMÉ

Dans cette monographie, j'effectue une recherche à travers d'une étude de cas pour comprendre comment l'école peut être un espace de prévention et de transformation du contexte de la violence contre la femme dans notre société. Partant des perspectives des enseignants, des élèves et de l'orientation scolaire. Ainsi, j'apporte au cours de l'écriture mes motivations pour cette recherche, comme aussi le contexte qui m'a amené à choisir l'institution scolaire recherchée et sa brève contextualisation. Je reviens aux lois et aux orientations à propos de l'éducation de base pour justifier la thématique dans l'école et la raison de son importance. Ensuite, je fais la conceptualisation de 'violence contre la femme', aussi bien de son contexte au Brésil et comment l'école est aussi un espace de prévention contre la femme. À suivre, j'apporte les statistiques de violence et de féminicide au Brésil en démontrant l'urgence de ce thème. À partir de cela, je fais l'analyse des entretiens semi-structurés que j'ai réalisés avec les enseignants, l'orientation pédagogique et les élèves. J'analyse le mode dont ils conceptualisent la violence, si le thème est important en classe, si l'école est ou peut devenir un espace de transformation, en plus des spécificités apportées par les personnes interrogées. Enfin, j'ai réalisé des considérations sur l'institution, les élèves, les enseignants et sur le propre thème. Comme les élèves croient dans l'école comme un espace propice pour aborder des questions sensibles, surtout en relation avec le thème de la violence contre la femme.

Mots-clés: Violence. Sociologie. Femme. Éducation. Transformation. Prévention.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>Introdução .....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>Os caminhos percorridos e a escola .....</b>	<b>13</b>
<b>3</b>	<b>A educação e a violência contra a mulher .....</b>	<b>16</b>
<b>3.1</b>	<b>Violência contra a mulher.....</b>	<b>19</b>
<b>3.2</b>	<b>Na escola .....</b>	<b>23</b>
<b>3.3</b>	<b>Os dados da violência .....</b>	<b>24</b>
<b>4</b>	<b>Metodologia.....</b>	<b>26</b>
<b>5</b>	<b>O que a escola nos diz? Entrevistas com docentes, orientadora e discentes .....</b>	<b>29</b>
<b>5.1</b>	<b>Os/As docentes e a orientação pedagógica .....</b>	<b>29</b>
<b>5.2</b>	<b>Os alunos e as alunas.....</b>	<b>41</b>
<b>6</b>	<b>Considerações Finais .....</b>	<b>53</b>
	<b>Referências .....</b>	<b>57</b>
	<b>Apêndice A – Questionário realizado nas entrevistas com os estudantes da E.E.E.M Morada do Vale I.....</b>	<b>59</b>
	<b>Apêndice B – Questionário realizado nas entrevistas com os professores(as) e orientadora da E.E.E.M Morada do Vale I.....</b>	<b>60</b>
	<b>Anexo A - Termo de consentimento da instituição escolar .....</b>	<b>62</b>

## 1 Introdução

Em 2015, foi a primeira vez que pisei dentro de uma universidade pública e gratuita, sendo o período no qual conheci a professora e doutora Rochele Fachinetto. O seu tema de pesquisa na área de Sociologia da Violência me chamou muita atenção. Percebi a violência como um campo de estudo e que os espaços educacionais voltados para o cuidado, educação e formação também podem ser perpetuadores das práticas violentas que encontramos no dia a dia, embora, à primeira vista, isso pareça uma contradição. Entendo que não há como ser diferente, pois as instituições fazem parte de uma estrutura que reproduz o pensamento da sociedade num dado período histórico, mas para uma aluna que se encontra no primeiro semestre de Ciências Sociais, tal fato social, também, é um sentimento de controvérsia, de insatisfação e de confusão.

Durante muito tempo acreditei que a escola seria um espaço diferente, de acolhimento, baseado nas palavras ditas mágicas que nos são ensinadas no início da graduação, a *problematização e desnaturalização* de tudo aquilo que nos é dado como certo. Deveria ser o papel dos professores e professoras não somente da disciplina de sociologia, mas principalmente deles, seguir por este caminho, buscando nutrir o pensamento crítico e questionador das e dos estudantes.

Por um período na graduação tive contato com o universo escolar através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no qual desenvolvia as atividades em uma escola de Porto Alegre. Tal vivência me mostrou realidades diferentes, uma escola pública com docentes engajados e com qualidade de ensino acima da média em relação à maioria, estudantes muito solícitos, atuantes politicamente, que constantemente contribuíam nas discussões sobre diversos assuntos em voga, como LGBTfobia, racismo, empoderamento feminino e feminismo.

Naquela época, lembro de uma conversa com o professor regente de Sociologia, que também era o responsável pelo funcionamento do PIBID na escola. Falávamos sobre os alunos, onde moravam, qual meio de transporte utilizavam para se deslocar até o bairro, se pertenciam ou não àquela localidade. Foi nessa conversa que obtive um pouco mais de contato com o tema da violência. Alguns alunos que viviam em lares com situações vulneráveis, não necessariamente em termos econômicos, mas das próprias relações familiares, de afeto, de respeito. Lares onde as violências de todos os tipos eram predominantes. Meu primeiro pensamento e questionamento ao professor foi buscar saber o que a escola e os professores faziam ao ter conhecimento sobre os casos. Saber qual era o

papel da instituição para com aqueles estudantes, agindo em conformidade com a legislação, tanto em atuações práticas quanto com o apoio psicológico, de forma a se pensar e agir cotidianamente a partir de uma perspectiva de acolhimento, aproximando estudante da instituição e com isto evitando a evasão escolar, mostrando ao aluno outras formas de vivência e de relações afetivas.

Para além disso, de acordo com os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) do censo escolar de 2018<sup>1</sup>, os alunos do ensino médio público no Brasil, sendo o mesmo para rural e urbano, ficam em média cinco horas-aula diárias nas escolas, sem contar outros momentos de participação dos alunos no espaço escolar. É nesse momento que vivenciam boa parte de suas experiências e contatos, muitas vezes os seus únicos amigos são os colegas de classe, por exemplo. Assim, quando ocorrem casos de violência contra alunos e alunas, ou ela é praticada por eles, ou quando ela é vivenciada na vida familiar, isso se reflete em suas relações escolares, seja através da queda do desempenho, da interação com as outras pessoas, de suas falas ou até mesmo seu silêncio (GIORDANI, SEFFNER, DELL'AGLIO, 2017 p.104).

Portanto, conforme os relatos aqui descritos e também em minha vida pessoal, deparo-me com o período do Estágio Docente I e II, em 2018, que vivenciei a experiência de sala de aula como professora. Os estágios foram realizados no em um colégio da cidade de Porto Alegre. Ali vivenciei os problemas de uma escola precarizada, não só em estrutura física, mas de todas as problemáticas que envolvem uma instituição de ensino. Contudo, tive o prazer de conviver durante todo aquele ano com a mesma turma, na qual havia estudantes extremamente afetuosos e queridos, sempre muito dedicados e com interesse em aprender.

Foram eles, talvez não da melhor forma, que me mostraram novamente os caminhos para a então pesquisa que farei neste trabalho. O questionamento que anteriormente realizei ao professor do PIBID, aparece para mim novamente: em uma das turmas, percebi que uma de minhas alunas estava com marcas muito estranhas em seu corpo, grandes roxos e arranhões. Entretanto, num primeiro momento, acredito que sempre ficamos com um certo receio em intervir, perguntar o que aconteceu, ainda mais quando somos estagiários, pois o vínculo é tão curto e instável que acaba por tornar a docência um espaço de insegurança e medo. Ainda assim, acredito que a docência jamais deva ser omissa à realidade que nos é apresentada. Fechar os olhos para o que enxergamos em nossos estudantes nos torna cúmplices daquilo que possa vir a acontecer com eles e elas. Apresentei a situação da aluna

---

<sup>1</sup> INEP, Indicações educacionais. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/indicadores-educacionais>>. Acessado em 24 de novembro de 2019.

para o professor orientador do estágio, e para a professora regente de sociologia da turma, foi, assim, contatado e tornado ciente à direção e orientação escolar. Contudo, descobri após algumas semanas que ela estava sofrendo violência do seu namorado, também estudante do colégio. Essa experiência foi fundamental para o delineamento da pesquisa realizada para o presente trabalho, a seguir, são narradas situações ilustrativas.

Trago aqui frases ditas durante uma apresentação feita por estudantes da escola em que fiz a pesquisa de campo do presente trabalho, Escola Estadual de Ensino Médio Morada do Vale I, falavam sobre a violência em forma de assédio e as naturalizações de frases no cotidiano, “mulher apanha porque gosta”, “ruim com ele, pior sem ele”, “em briga de marido e mulher, não se mete a colher”, “é só ver como se veste”, “o que fazia tão tarde sozinha na rua, tava pedindo”, “mas também, a cada dia aparece com um diferente”, “eu não disse para não usar roupas curtas?”, “lugar de mulher é na cozinha”. Colocações feitas por alunos e alunas que estão cansados de ouvi-las, da sua persistência no cotidiano da vida das mulheres. Eles e elas gritam: “*CHEGA!!!*”. Tive o prazer de observar essa apresentação em uma escola pública da região metropolitana, escola de qualidade, formada por alunos que gritam, que pulsam, por professores que lutam e transformam. Falaremos mais sobre ela adiante.

É a partir dessas frases de reivindicações, de lutas por direitos e respeito e por entender que a forma como a minha aluna relatou durante as aulas para suas amigas o que acontecia em seu relacionamento, principalmente em tons de risadas, de normalidade que se desenha o tema em questão. Isso na verdade é extremamente comum numa sociedade que em sua cultura tem enraizadas esses tipos de falas e pensamentos, como os apresentados pelos alunos.

Contudo, o caso foi discutido durante o conselho de classe, momento em que fiquei extremamente constrangida por fazer parte do que estava escutando, fazer parte de uma classe que é formada (ou deveria ser) para não reproduzir o *status quo*, repensar a sociedade inserida, formar pessoas que saibam pensar para além de uma educação mecanizada, do que é 1 + 1, e perceber e construir aulas e vivências que façam os alunos perceber as amarras das estruturas que vivemos. Quando o que ocorreu, na verdade, foram docentes reforçando a estrutura patriarcal, em que as mulheres foram feitas para apanhar e os homens para bater, reforçando as frases rechaçadas pelos alunos em sua apresentação. Poderia citar todas as falas que ouvi naquele conselho, uma por uma, e redigir páginas e páginas, problematizando cada momento que vivi daquelas quatro horas, entretanto acredito que apenas uma seja essencial para demonstrar a problemática: “*Conhecendo aquela aluna, com aquela carinha linda, tenho*

*certeza que ela deve até gostar disso na hora do amor”*, uma frase dita por um dos professores da minha aluna.

A partir desse contexto, decidi desenvolver um trabalho sobre como a escola pode ser um dos espaços de diálogo, prevenção, conhecimento, informação, problematização e desnaturalização das violências contra as mulheres. E, ao pesquisar sobre o tema e encontrar uma quantidade baixa de bibliografia e pesquisas, vejo que se faz ainda mais necessária a abordagem desse tema.

A pesquisa que farei neste trabalho se dá muito pelo que vivenciei naquele dia, também por ser mulher, feminista e futura professora de sociologia, por saber dos problemas e sequelas que a violência contra as mulheres e adolescentes geram nas famílias e na sociedade. Por perceber a necessidade de debater sobre as mulheres e os problemas em torno da nossa existência, das nossas trajetórias e como ela pode ser diferente quando a escola; os alunos e professores acreditam na transformação da sociedade a partir da educação. Heleieth Saffioti exemplifica muito bem o que aconteceu a mim durante minha vida acadêmica e pessoal,

O próprio interesse pela temática já revela um compromisso político-ideológico com ela. Na verdade, a história de vida de cada pessoa encontra-se com fenômenos a ela exteriores, fenômeno denominado sincronicidade por Jung, e que permite afirmar: ninguém escolhe seu tema de pesquisa; é escolhido por ele. (SAFFIOTI, 2015 p.45)

Entendo também que aquela situação poderia ter um desfecho diferente e, felizmente, acredito que se dá em muitas outras escolas públicas, afinal a educação tem caráter transgressor, é transformadora. Conforme bell hooks, que sistematiza e tenciona a educação como uma prática de liberdade. Os estudantes não são os únicos a sofrerem transformações e também não são os únicos que são chamados a partilhar em sala de aula, pois essa é uma prática de responsabilidade de todos que estão comprometidos com a educação libertadora, portanto também é uma prática aos docentes, de crescimento e fortalecimento (hooks, 2017). Por este motivo, decidi fazer um estudo de caso que envolvesse professoras(es) e alunas(os) da Escola Estadual de Ensino Médio Morada do Vale I, localizada na região metropolitana de Porto Alegre, em Gravataí.

Assim, o trabalho estará dividido nessas sequências de capítulos:

**2 Os caminhos percorridos e a escola:** Nesse momento falarei um pouco sobre a escola e a própria escolha dela para o então estudo de caso apresentado ao decorrer do trabalho;

**3 A educação e a violência contra a mulher:** Falarei sobre a necessidade de trabalhar a temática dentro das escolas e sua base legal. Bem como discorrer sobre o conceito de violência e suas implicações na vida da mulher;

**4 Metodologia:** trago à luz as ferramentas que utilizei para a então pesquisa;

**5 O que a escola nos diz? Entrevista com docentes, orientadora e discentes:** análise das respostas e diálogos com os entrevistados.

## 2 Os caminhos percorridos e a escola

A pesquisa feita neste trabalho ocorreu na Escola Estadual de Ensino Médio Morada do Vale I, localizada no bairro Morada do Vale I, no município de Gravataí, região metropolitana de Porto Alegre. Popularmente conhecida como CIEP, Centros Integrados de Educação Pública, criados durante os governos de Brizola e idealizados por Darcy Ribeiro.

Morada do Vale foi o bairro onde me criei e, foi também naquele período (antes mesmo de imaginar cursar o ensino superior, ainda mais em uma universidade pública), que conheci o CIEP, escola de referência onde a maioria dos meus familiares estudaram. A escolha pela escola reflete muito bem a frase supracitada, nosso tema de pesquisa não é escolhido por nós, mas nós somos escolhidos por ele.

Ao final do ano de 2017, fui convidada a assistir um festival de teatro de três escolas em Gravataí. As turmas se apresentaram e lembro-me da última a encenar. Esta, encenada por alunos do ensino médio público, trouxeram temas muito relevantes, como assédio, violência, racismo, LGBTfobia e feminicídio. Todos os alunos estavam de branco, movimentando-se com tanta leveza e vontade. O som e a verdade que foram passados naquela peça, chamada “A Cegueira” me fizeram derreter em lágrimas. Lembro-me de ter dito: *“isso é educação pública, é pra isso que nós existimos”*.

Ao final, a escola que apresentava era o CIEP, que vivia - e ainda vive - um momento contextualizado por greves e ocupações. O teatro era dirigido pela professora que aqui chamarei de Frida<sup>2</sup>, professora de História, há 6 anos na escola. É a coordenadora e dirigente do grupo de teatro “CIEP em Cena”, responsável pela apresentação de três peças (“A Pena”, “O Corta” e “A Cegueira”) em conjunto com o alunado, inclusive recebendo diversos prêmios pelas encenações e pelas temáticas abordadas nas peças. Tudo isso acontecendo mesmo com seu salário parcelado e sua profissão sendo precarizada, ainda assim, trabalhando além da sua

---

<sup>2</sup> Os nomes dados a cada professor, professora, orientadora e discentes se deram a partir de minhas próprias escolhas, sendo eles nomes fictícios dentro do trabalho, porém pessoas que foram importantes tanto para a ciência, para a educação e para a luta das mulheres e pela liberdade do país na época da Ditadura Militar brasileira. Sendo eles retirados do site da Comissão Nacional da Verdade – Volume III. Disponível em: <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/>>. Acessado em 05 de dezembro de 2019. A partir disso o nome Frida se dá em referência a Frida Kahlo, mulher, mexicana, comunista e feminista.

carga horária e incentivando os alunos a participarem de uma educação que foge dos moldes tradicionais e mecanicistas,

Os professores progressistas que trabalham para transformar o currículo de tal modo que ele não reforce os sistemas de dominação nem reflita mais nenhuma parcialidade são, em geral, os indivíduos mais dispostos a correr os riscos acarretados pela pedagogia engajada e a fazer de sua prática de ensino um foco de resistência. (hooks, 2017, p.36)

Portanto, levando a eles aquilo que nas palavras da professora “é uma entrega a eles, de algo que já possuo, totalmente gratuita, pois vejo o potencial e a necessidade que eles têm de se expressar”. Construindo um ambiente voltado para a arte e cultura, propício para repensar os problemas que os afetam, que nos afetam, nos quais estes estudantes estão inseridos e que enxergam na sua realidade, fazendo jus ao Art. 3º da Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB) (BRASIL, 1996).

Conseqüentemente, foi a partir desse contato e conjuntamente com os acontecimentos ao longo de minha vida acadêmica e pessoal que o CIEP se tornou a minha escolha de campo de pesquisa. A partir disso, relato aqui um pouco sobre a escola.

A E.E.E.M. Morada do Vale I, possui em torno de 1300 alunos, sendo 850 somente no ensino médio, distribuído nos três turnos, em 29 turmas, mas a maioria no turno da manhã, - dados obtidos até o momento em que se dava a pesquisa. As aulas são ministradas por 56 professores entre contratados e concursados. A estrutura da escola não é, de nenhuma forma, parecida com outras escolas públicas estaduais que já frequentei. Possui um território muito grande, com um pátio e dependências muito bem cuidadas e conservadas. A maioria das salas de aulas possui ar condicionado, além de contar com o uso obrigatório do uniforme escolar.

As primeiras visitas que realizei na escola foram mais de conhecimento do espaço e das próprias relações, nas quais conversei apenas com a supervisão escolar e com alguns professores sobre minha pesquisa e meu objetivo. Primeiramente, estranhei, pois, diferente de outras escolas que já visitei, o CIEP não possui uma quantidade grande de pinturas ou trabalhos dos alunos em suas paredes. Descobri que eles se expressam de outras formas, em encenações, através da música, da dança e também na sua própria mobilização estudantil de apoio à luta dos professores, de reivindicações por educação, ou por razões sensíveis.

Uma dessas expressões de protesto e indignação foi promovida por alunas do ensino médio, no dia 14 de março de 2019, dia em que completou um ano do assassinato de Marielle Franco, mulher negra, lésbica, mãe e vereadora. As alunas se dispuseram no pátio do colégio em círculo, deram as mãos, vestiam preto e em seus corpos tinham placas com frases que

expressavam a violência brutal contra mulheres, nos seus rostos havia sangue, hematomas, havia dor e o silêncio. Não era necessária uma palavra para expressar o que elas queriam dizer, estava explícito o pedido de basta, de justiça, de luta. Uma encenação que não foi trabalhada no grupo de teatro, ou por algum professor e professora, partia delas, da necessidade do assunto. Portanto, não somente por este exemplo, mas por outros momentos que observei na escola, via que a necessidade da perspectiva das e dos estudantes se fizesse presente nesse trabalho ficou ainda mais clara.

### 3 A educação e a violência contra a mulher

A Sociologia nas escolas tem como uma de suas responsabilidades o diálogo sobre temas que desenvolvam o sentimento de cidadania, sua concepção e suas práticas, bem como de abrir caminhos para repensar preconceitos enraizados em nossa cultura, nas relações sociais e por que eles existem e continuam se perpetuando através do tempo.

A partir disso, como consta nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM), o pensamento sociológico pode mostrar como algumas concepções ou explicações dos fenômenos sociais, os modos de vida, a estrutura social, na verdade são tratados de forma naturalizada, como na temática deste trabalho, a violência contra mulher. Em que o papel das mulheres ainda é visto como de subserviente ao homem, e ao não corresponder às expectativas deles, recorrem às inúmeras formas de violências (OCEM, 2006).

Compreendo que essas competências como disciplina escolar não devem se restringir apenas à Sociologia, pois cada componente curricular está atrelado a outro, a transdisciplinaridade de alguns debates não cabe apenas à área de humanas, mas sim a todas as áreas e a estrutura escolar como um todo. Desse modo, estende-se a todas as disciplinas o debate sobre questões socialmente vivas e temas sensíveis presentes em nossa sociedade, em que também estão inseridos os estudantes.

Esses temas, muitas vezes não são listados anteriormente pelos docentes, pois essas questões vivem e emergem no espaço escolar - um espaço também de controvérsias, disputas e emoções. Considerando isso, segundo Alberti (ALBERTI, 2014), esses temas não são fáceis de serem discutidos, mas os docentes que compreendem sua importância e planejam suas aulas devem estar preparados para correr risco e considerar que corrê-los vale a pena.

Construir uma separação entre a sociedade e a sala de aula pode indicar que os temas que movem nossa sociedade são apagados nesse lugar, por conseguinte, extinguindo as potencialidades de transformação e crescimento de todos os envolvidos no espaço escolar, desde estudantes, professores, a comunidade que envolve a escola, ao invés de haver um incentivo para reflexão. “O objetivo é suscitar a reflexão dos alunos. É preciso saber passar de fase, nesse jogo: da sensibilização para a reflexão”. (ALBERTI, 2014, p.3)

A sociologia é fundamental nos momentos de abordar as questões socialmente vivas e sensíveis, colocando em prática na sua disciplina, através de debates, nos seus recursos históricos e metodológicos, propiciando discussões profundas que geram transformações e desnaturalizações de assuntos e discussões que se tornam explícitas em sala de aula e em nossa sociedade. Como consta nas OCEM, nessa idade é necessário que haja um

disciplinamento nesses debates, principalmente ao tratar questões que estão enraizadas na nossa cultura, no senso comum,

[...]. Nessa fase de sua vida a curiosidade vai ganhando certa necessidade de disciplinamento, o que demanda procedimentos mais rigorosos, que mobilizem razões históricas e argumentos racionalizantes acerca de fenômenos naturais ou culturais. Mesmo quando está em causa promover a tolerância ou combater os preconceitos, a par de um processo de persuasão que produza a adesão a valores, resta a necessidade de construir e demonstrar a “maior” racionalidade de tais valores diante dos costumes, das tradições e do senso comum. **(OCEM, 2006, p.109)**

Conseqüentemente, esse disciplinamento é realizado a partir da ideia da educação e da escola como um dos espaços de diálogo, de construção da cidadania, do aprendizado a respeitar e viver a diversidade, um espaço que deve priorizar uma educação baseada no respeito aos direitos humanos, uma educação libertadora. O ensino enquanto um espaço de desnaturalização e prevenção à violência contra mulheres. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases,

Art. 12. Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de:

[...]IX - promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática (bullying), no âmbito das escolas. **(BRASIL, 1996)**

Portanto, a LDB deixa explícito o papel do ensino, entre seus diversos outros deveres, em combater a violência. Por esse motivo que o papel da escola na construção e formação de nossos estudantes para a sociedade não deve ser apenas pensado para o mercado de trabalho, mas enquanto constituição de seu pensamento e sua socialização. Ao longo dos anos, a forma como o aluno está se socializando na escola vai se mostrando e se moldando através do diálogo, do ensino, das transformações que a escola pode gerar na vida dos adolescentes. Dessa forma se deve avaliar como a formação transgressora de crianças e adolescentes podem refletir na vida em sociedade.

Lourensen (LOURENSEN, 2018), em seu trabalho sobre educação popular com mulheres em situação de privação de liberdade, nos fala sobre o papel da escola em formar alunos e a democratização do ensino público, de qualidade para todos e os problemas em torno da nossa realidade. A massificação do ensino para as camadas populares, sem dar as necessárias ferramentas para um ensino emancipador, capaz de compreender suas realidades sociais, os problemas sociais, desmistificar preconceitos enraizados e conceber mudanças para as suas vidas. De acordo com o Artigo 35 da LDB:

Art. 35. O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades:

[...] II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico; **(BRASIL, 1996)**

Ao se criar as condições necessárias para a aplicação na realidade do que nos diz a LDB, a disciplina de sociologia pode agir a partir da ideia de que tudo que se é naturalizado na sociedade também pode ser desnaturalizado. Assim, o papel da sociologia em pensar os problemas sociais também é de entender que os fenômenos e problemáticas não nascem aleatoriamente e de forma rápida, mas são construídos com propósitos e ao longo de um tempo. Proponho pensarmos na violência contra a mulher como um problema que se perpetua ao longo dos séculos, subjugando e matando mulheres em todos os países de forma persistente e constante, ainda que de maneiras distintas.

Por esse motivo, a sociologia no ensino médio tem seu papel em construir com seus estudantes uma reflexão e problematização permanente das nossas questões, o porquê de sua permanência no mundo atual, suas transformações e diferentes faces. A utilidade dos clássicos, Karl Marx, Max Weber, Émile Durkheim, para se pensar a sociologia pode se dar de inúmeras formas, sempre repensando suas categorias de análises para os dias atuais, entendendo os processos históricos de cada sociedade e suas especificidades.

O mundo deve-lhe ser apresentado como campo aberto para investigação e intervenção quanto a seus aspectos políticos, sociais, produtivos, ambientais e culturais de modo que se sintam estimulados a equacionar e resolver questões legadas pelas gerações anteriores e que se refletem nos contextos atuais-, abrindo-se criativamente para o novo. **(BNCC, 2017, p.463)**

Para além de julgar esses atos de violência separadamente, é preciso pensar que há uma produção político-social que continua legitimando diferentes formas de discriminação, opressão e violência; essas opressões são, muitas vezes, invisibilizadas e principalmente naturalizadas nos diversos contextos sociais.

A escola faz parte da construção da identidade do aluno, uma construção que não se dá de um lado apenas, mas num contexto de construção coletiva, em que cada aluno está influenciando na concepção e formação de pensamento do outro. O/a docente tem um grande papel nesse processo, construir em conjunto com o alunado as diferentes formas de ver a

realidade, de estar inserido na vida em sociedade e de entender qual sua posição política nela, de problematizar pensamentos que ferem de diversas formas a integridade de outras pessoas. Construção de um ser pensante, reflexivo, autocrítico, capaz de enxergar além do que sempre lhe foi dito, ensinado e referenciado como normal e legítimo. Portanto, devemos pensar às reproduções de violência como um processo que parte desde suas primeiras socializações e vai se aperfeiçoando ao longo da vida (BANDEIRA, 2014), por isso a escola tem um papel fundamental na problematização dessas socializações e também em não compactuar com essas formas de violência.

### 3.1 As violências contra as mulheres

Diariamente, estamos expostas a diversos tipos de violência, entre mulheres brancas, negras, indígenas, LGBTs, crianças, jovens, adultas, idosas, deficientes, em situação de privação de liberdade e de todas as classes. A violência se faz presente cotidianamente, nos matando, nos rasgando, nos deixando paraplégicas, cegando, queimando, empobrecendo, violando, desfigurando e deprimindo, citando aqui as formas mais visíveis da violência contra as mulheres.

É através da autora Heleieth Saffioti que me embasei para trabalhar o conceito de violência. Importante ressaltar as diferentes nomenclaturas para estudar violência contra as mulheres, suas modalidades e formas de serem perpetradas, também para explicar a escolha em utilizar o termo “*violência contra a mulher*” e não doméstica ou de gênero. Tendemos a acreditar que essas diversas nomenclaturas são equivalentes, entretanto não são.

Fachinetto em sua tese de doutorado utiliza do conceito de gênero de Joan Scott, que critica, juntamente com Saffioti, a utilização da categoria como sinônimo para mulheres, “num sentido mais literal, gênero configuraria uma maneira de se referir à organização social da relação entre os sexos.” (FACHINETTO, 2012, p.92).

A violência de gênero não implica necessariamente em violência contra as mulheres, ainda que seja mais comum a violência contra elas, mas pode implicar também em violência delas contra homens, homens-homens e mulher-mulher (SAFFIOTI, 2015), portanto utilizar desse conceito pode não estar falando, necessariamente, da violência de homens contra mulheres.

A violência doméstica está associada à família, não necessariamente acontecerá dentro de casa, mas sim por ser perpetuada por alguém que possui algum vínculo afetivo/familiar,

podendo ser o marido, ex-marido, pai, avô, tio, primo, etc. (SAFFIOTI, 1999). Posto isso, por meu trabalho envolver problemáticas que podem se desenvolver dentro do âmbito escolar, inclusive com questionamentos e relatos de violências que não se resumem ao ambiente familiar dos estudantes e docentes que prefiro a não utilização deste termo.

Normalmente, utiliza-se do conceito de violência como ruptura da integridade da vítima, podendo ser física, psíquica, moral, sexual, (SAFFIOTI, 2015), entretanto, não por ter algum tipo de discordância do conceito acima, mas por entender que neste trabalho o conceito de violência como qualquer ato e conduta que viole os direitos humanos complementa melhor os meus questionamentos e tema de pesquisa,

Definida nestes termos, a violência não encontra lugar ontológico. É preferível, por esta razão, sobretudo quando a modalidade de violência mantém limites tênues com a chamada normalidade, usar o conceito de direitos humanos. Ainda que seja recente sua defesa, mormente para mulheres, já se consolidou um pequeno corpo de direitos universais, ou seja, internacionalmente aceitos, em nome dos quais as mulheres podem ser defendidas das agressões machistas. (SAFFIOTI, 2015, p.50)

Entendo que a partir dessa conceituação podemos trabalhar com as violências que em diversos momentos são tratadas com naturalidade, aquelas que são desconsideradas como violências por não ferir, aos olhos de grande parte da sociedade e até mesmo de quem é vítima dela, a integridade física das mulheres. Como a própria violência simbólica que Fachinetti trabalha em sua tese utilizando das categorias de análise de Pierre Bourdieu para falar sobre os papéis de gênero naturalizados dos homens e das mulheres na vida em sociedade,

A divisão entre os sexos está na ordem das coisas, tanto em estado objetivado nas coisas quanto em estado incorporado nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como esquemas de percepção e de ação. [...] A questão é que esta naturalização da diferença encobre justamente a relação de dominação que está na base da divisão sexual e que faz parte da própria 'ordem das coisas'. Bourdieu questiona esta 'ordem do mundo' e a forma como ela se mantém, com seus sentidos únicos e proibidos. Como tal ordem, com suas relações de dominação, seus privilégios e injustiças possa perpetuar-se e como condições de existência das mais intoleráveis possam ser vistas como naturais. A dominação masculina é, segundo o autor, a forma de excelência de uma submissão paradoxal que é reproduzida e incorporada pelos próprios dominados, expressando o que o autor chama de violência simbólica. (FACHINETTO, 2012, p.114)

Além disso, a perspectiva do conceito de violência como violação dos direitos humanos vai de encontro à Lei Maria da Penha de 2006 criada no governo Lula, pois até sua criação não havia nenhuma legislação específica para coibir, prevenir, punir a violência contra as mulheres em suas diversas modalidades. A lei utilizada para crimes contra as mulheres anteriores a este ano, era a então Lei 9.099 de 1995, responsável pela criação dos Juizados

Especiais Criminais (JECrim) que cuidavam de crimes com menor gravidade, demonstrando como o Estado brasileiro via esses crimes de violência contra mulheres.

O Brasil só elaborou uma lei específica para o atendimento dos problemas que envolvem as mulheres após grande pressão dos movimentos feministas e da ONU, com diversas denúncias contra o Estado brasileiro por negligência às mulheres vítimas de violência, principalmente após o caso de violência sofrido pela Maria da Penha.

Contudo, é por consequência da implementação da Lei Maria da Penha que tivemos algumas mudanças no combate à violência contra mulheres, como podemos ver na Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero de 2014 no artigo de Piovesan (2014), destaco algumas dessas mudanças: a) passou de uma infração penal de menor potencial ofensivo para um crime de violação dos direitos humanos; b) entendimento de que a violência contra a mulher não é algo comum, mas que está engendrado com as desigualdades de gênero, criando assim delegacias de atendimento específicas a esses casos; c) entendimento do combate à violência como um trabalho que deve ser integrado entre diversos atores e áreas, como segurança pública, saúde, assistência social, educação, trabalho e habitação; d) extingue-se como cumprimento de pena o pagamento de cestas básicas ou multas; e) ampliação do conceito de família bem como consolidação do direito de todas as mulheres independente de classe, cor, orientação sexual, etc., em viver sem violências; f) a ampliação do conceito de violência contra a mulher sendo assim,

Qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial', que ocorra no âmbito da unidade doméstica, no âmbito da família ou qualquer relação íntima de afeto. (PIOVESAN, 2014, p.63)

Assim, em cada momento histórico das relações entre homens e mulheres a dominação-exploração se transforma de acordo com as realidades econômicas e culturais e especificidades de cada país atravessando todos os seguimentos da sociedade, inclusive o Estado (SAFFIOTI, 2015), sendo esta dominação-exploração a qual chamamos de violência patriarcal. Por conseguinte, essa violência não faz diferença entre nós, ainda que mulheres negras, indígenas e periféricas sofram mais que outras mulheres, por conta da intersecção com os fatores de racismo e pobreza, como nos mostram os dados: 66% das mulheres mortas no

país são negras<sup>3</sup>, e as mulheres mais suscetíveis a sofrer violência, são as que possuem renda *per capita* de até 1 salário mínimo<sup>4</sup>.

Vemos discussões acadêmicas que se afastam desse debate, feitas por um viés que parece não caber na realidade da dona de casa, da mulher pobre e trabalhadora, das diferentes realidades da maioria das brasileiras; tão eurocentrado, parecendo ignorar as especificidades da nossa sociedade, nossa colonialidade, o patriarcado que opera de diferentes formas sobre as mulheres latino-americanas. Ignora também o fato de que somente no ano de 2009, 1.447.694 mulheres foram agredidas, ou seja, em média a cada dois minutos uma mulher registrava ser vítima de agressão física<sup>5</sup>. Nos distanciamos dessas conversas e trabalhos que lidam diretamente com o alerta, o apoio, a prevenção a esses tipos de problemas que nos matam.

A violência contra a mulher é um tema constante na sociedade brasileira e, mesmo tendo teóricas feministas e coletivos que estudam e analisam diversas realidades e problemáticas específicas da vida cotidiana da mulher brasileira, podemos ver, a cada dia, como demonstra o Atlas da Violência, que mulheres continuam morrendo, continuam sendo mutiladas, agredidas de diversas formas, e o número de casos não diminui, mas sim vem aumentando ao decorrer dos anos.

A mulher sempre foi colocada no espaço privado, escondida da sociedade, por conseguinte a própria violência contra elas, gerada nesse espaço se tornou um problema particular e não coletivo, do Estado e da sociedade como um todo. Agindo como se a construção da violência e sua naturalização não fosse coletiva, gerada pelas grandes estruturas e perpetuada pelas instituições, como a Igreja, o Judiciário, o Estado, as Escolas, as emissoras de TV, a família. O fenômeno não é apenas cultural, mas necessário para a constituição da mulher na sociedade capitalista que se dá com sua deterioração. Criar os mecanismos para que se estabeleça o consenso de que o lugar das mulheres é em casa. Produzindo e fornecendo um trabalho invisível e não assalariado que serve para a manutenção daqueles que provém a força de trabalho, os homens (FEDERICI, 2017).

As mudanças históricas e construção da luta feminista contra o patriarcalismo tem um papel importante nas diferentes formas de família hoje, entretanto, ainda que a luta contra o

---

<sup>3</sup> Dados retirados do Atlas da Violência de 2019. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio\\_institucional/190605\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2019.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf)>. Acessado em 05 de dezembro de 2019.

<sup>4</sup> Dados retirados do IPEA: A violência contra a mulher. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/190215\\_tema\\_d\\_a\\_violencia\\_contra\\_mulher.pdf](http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/190215_tema_d_a_violencia_contra_mulher.pdf)>. Acessado em 03 de dezembro de 2019.

<sup>5</sup> Dados retirados do IPEA: A violência contra a mulher. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/190215\\_tema\\_d\\_a\\_violencia\\_contra\\_mulher.pdf](http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/190215_tema_d_a_violencia_contra_mulher.pdf)>. Acessado em 03 de dezembro de 2019.

patriarcado tenha gerado diversas mudanças e garantias de direitos básicos na vida das mulheres, como o direito ao voto e a possibilidade de estudar, a violência direta contra esse grupo continua se perpetuando e se aprimorando. Ainda assim, foi a partir da luta de mulheres feministas, e no Brasil com papel principal de Maria da Penha Fernandes que conseguimos implementar a primeira Lei específica, que lida diretamente com os problemas da violência, que o Estado brasileiro vinha ignorando ao longo das décadas.

### 3.2 Na escola

Lembro-me do surgimento de dúvidas, durante meu estágio obrigatório, sobre a lei que tipifica o feminicídio (Lei Nº 13.104/2015<sup>6</sup>). O aluno em questão, sempre muito atento às aulas, trazia dados e debates que acirraram os ânimos de seus colegas, temas e discussões sobre violência, feminismo, eleições, partidos políticos, SUS, etc. O seu questionamento em num dia para mim, “*Qual a necessidade de ter uma lei só pra mulher? Se os dados mostram que os homens morrem mais?*”. Portanto, qual seria a diferença para o Estado brasileiro entre homicídios e feminicídios, vejamos

O feminicídio é a instância última de controle da mulher pelo homem: o controle da vida e da morte. Ele se expressa como afirmação irrestrita de posse, igualando a mulher a um objeto, quando cometido por parceiro ou ex-parceiro; como subjugação da intimidade e da sexualidade da mulher, por meio da violência sexual associada ao assassinato; como destruição da identidade da mulher, pela mutilação ou desfiguração de seu corpo; como aviltamento da dignidade da mulher, submetendo-a à tortura ou a tratamento cruel ou degradante. (BRASIL, 2013, p. 1003)<sup>7</sup>.

Colocar em lei, de forma reconhecida e explícita a violência que leva à morte milhares de mulheres por ano, como veremos nos dados a seguir, transforma a forma de ver o crime contra as mulheres, não mais como um crime passional, mas sim hediondo, onde as penas não são brandas. Revela também a necessidade e obrigação do Estado brasileiro em intensificar o combate, a prevenção e punição destes crimes, pois apenas a intensificação da pena não muda a estrutura que leva as mulheres a serem mortas. O Estado brasileiro tem falhado nas medidas de combate e prevenção.

<sup>6</sup> Lei do Feminicídio. Acessado em 14 de outubro de 2019. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13104.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13104.htm)>

<sup>7</sup> Relatório Final da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito sobre a violência contra as mulheres. Acessado em 14 de outubro de 2019. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/entenda-a-violencia/pdfs/relatorio-final-da-comissao-parlamentar-mista-de-inquerito-sobre-a-violencia-contra-as-mulheres>>

As escolas nunca foram alvos de políticas e formação de professores que possam intensificar o trabalho e discussões de temas que envolvem as violências contra as mulheres. Percebemos isso pelas perguntas de meus alunos durante o estágio e como veremos mais para frente nas entrevistas. Entretanto, sabemos que há espaço, motivos e necessidade da abordagem desse tema ainda que não seja trabalhado diretamente, mas pode e deve ser desenvolvido dentro de temáticas como os Direitos Humanos,

[...]. Os temas de direitos humanos não podem ser introduzidos na sala de aula, eles já estão nela, nas microrrelações e, por essa razão, precisam ser trabalhados pedagogicamente em sala de aula, de modo que a própria escola não seja um espaço de reprodução de violações de direitos e invisibilidades. (FACHINETTO, SEFFNER, SANTOS, 2018, p. 25)

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a nona (9º) competência geral que deve ser executada durante a educação básica vai de encontro com o que Fachinnetto, Seffner e Santos (2018) nos dizem,

9 - Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (BNCC, 2017, p. 10)

### 3.3 Os dados da violência

O Atlas da Violência de 2019 nos mostra que houve um aumento na violência contra a mulher em 2017. Por dia são mortas treze mulheres no Brasil e em um ano são quase cinco mil mulheres mortas, havendo um crescimento significativo de 30,7%, entre 2007 e 2017, e ainda maior em comparação com os anos de 2016 e 2017, 6,3%. O estado federativo que obteve os maiores índices de aumento da violência contra a mulher em 2017 foi Roraima, 10,6 mulheres mortas a cada 100 mil mulheres, seguido pelo Acre e Rio Grande do Norte, com 8,3 ambos, Ceará com 8,1, Goiás com 7,6 seguido do Pará e Espírito Santo com 7,5. Todos esses dados se dão após a implementação, em 2006, da Lei Maria da Penha, alarmando que o número de mulheres mortas no país não decresce com implantações de leis e delegacias especializadas no atendimento a mulheres vítimas de violência.

O local onde as menores taxas de violência letal para mulheres são os Estados de: São Paulo com 2,2 a cada 100 mil mulheres, Distrito Federal 2,9, Santa Catarina 3,1, e Piauí com 3,2. Como dito anteriormente, ainda que as violências contra as mulheres afetem a todas

independente de etnia, classe social, orientação sexual e idade, ainda assim, as mulheres negras são as que mais sofrem com a violência. Inclusive, o Atlas da Violência nos mostra que houve um crescimento de 29,9% em comparação com o de mulheres não negras, 4,5% entre 2007 e 2017. Somente no ano de 2017 a taxa é de 3,2 mulheres a cada cem mil não negras, enquanto a taxa para as mulheres negras é quase o dobro, 5,6 a cada cem mil. Se torna ainda mais assustador o quanto o Estado não consegue atingir as mulheres negras com políticas públicas de prevenção, segurança e acolhimento quando o Atlas nos mostra o percentual de mulheres negras em referência ao número total de mulheres, de 100% das mulheres mortas no país, 66% delas são negras.

Esses dados são dos números gerais de violência letal contra mulheres, entretanto o número de casos pode ser ainda maior, devido ao desconhecimento por parte dos agentes do que é feminicídio e sua tipificação. Ainda que se tenha uma certa dificuldade em obter dados reais sobre o que pode ter sido considerado feminicídio ou não vejamos os dados,

“Do total de homicídios contra mulheres, 28,5% ocorrem dentro da residência (39,3% se não considerarmos os óbitos em que o local do incidente era ignorado). Muito provavelmente estes são casos de feminicídios íntimos, que decorrem de violência doméstica. [...]

[...]. Observamos um pequeno aumento na taxa de homicídio de mulheres (1,7%), entre 2012 e 2017. Porém, quando desagregamos esse indicador entre os homicídios que ocorreram fora e dentro da residência, verificamos dois comportamentos distintos. Ao mesmo tempo em que a taxa de homicídios fora da residência diminuiu 3,3% no período, o segundo indicador aumentou 17,1%. Possivelmente, a redução de homicídios de mulheres fora da residência esteja refletindo a diminuição gradativa da violência geral que tem se expandido cada vez mais para um maior número de unidades federativas. Por outro lado, o crescimento dos casos que ocorrem dentro das residências deve ser reflexo do aumento de casos de feminicídios, efetivamente. Note-se ainda que o crescimento mais acentuado nos últimos dez anos tem sido na taxa homicídios dentro das residências, com o uso da arma de fogo, que cresceu 29,8%.” (**Atlas da Violência, 2019, p.40**)

Podemos perceber que ainda há dificuldades por parte da polícia em identificar o feminicídio, acredito que tenham diversos motivos, como a falta de instrução e cursos de formação após a implementação da lei, sua diferença com o homicídio, e é claro, também pela própria estrutura policial que muitas vezes desconsidera e naturaliza essas violências.

## 4 Metodologia

A pesquisa se desenrolou através de entrevistas qualitativas semiestruturadas com alunos(as), professores(as) e a orientadora escolar, devido a importância de explorar as falas dos entrevistados, suas vivências e diferentes representações e perspectivas sobre o ambiente escolar e a relação com a violência perpetuada contra as mulheres. Optei por este tipo de entrevista, pois fornecerá dados de forma em que se possa compreender as relações entre os atores - professor-professor e professor-aluno - com a temática dentro do ambiente escolar, “o objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos” (BAUER, GASKELL, 2014, p.65).

É importante mencionar que a escolha da pesquisa através de conversas e questionários com alunas e alunos não partiu imediatamente de mim, mas sim do próprio campo. Ao conversar com a professora que aqui chamarei de Heleny<sup>8</sup>, sobre o que e como pretendia fazer minha pesquisa na escola, contei a ela que minha metodologia se daria através de entrevistas que seriam feitas somente com professoras, professores e a orientação escolar. Heleny, me indagou: “*e os alunos? os alunos não?*”. Expliquei que minha pretensão era entender como os professores e equipe diretiva se portavam diante da temática, se por acaso já haviam trabalhado, como se deu, qual o papel da escola, dos professores e da educação com a temática da violência contra mulheres, etc. Faço aqui uma crítica a mim e que é frisada por Abramovay (ABRAMOVAY, 2018), existe um apagamento dos estudantes ao trabalhar a violência nas escolas, há uma procura em conversar com os professores, pais, equipe diretiva, mas raramente com aqueles que fazem parte dos acontecimentos e da própria instituição. Posto isso, a professora então comenta de uma data e local que aconteceria a primeira assembleia dos estudantes para a construção do Grêmio Estudantil. Seria este meu primeiro contato direto com alunos do CIEP.

Conseqüentemente, a escolha dos que participaram das entrevistas não se deu apenas por mim. Primeiramente, minha ideia era de entrevistas individuais, contendo apenas uma entrevista coletiva, sendo ela com os alunos que estavam na assembleia. A partir dessa observação e conversa com os estudantes na assembleia, optei por fazer duas entrevistas em grupo com alunos e alunas que nas feiras de humanidades e linguagens apresentaram temas

---

<sup>8</sup>Em referência a Heleny Ferreira Telles Guariba, professora de filosofia que lutou contra a Ditadura Militar brasileira, sendo pega e torturada por militares na época e em 1971 foi dada como desaparecida após ter sido presa pelo DOI CODI.

que envolviam feminicídio e violência contra a mulher. Demonstrando o que não poderia ser diferente, o campo se abriu para mim, os alunos me mostraram o caminho a ser percorrido. Não há pesquisa na escola sem aqueles que possibilitam uma via que é de mão dupla, o ensino e a transformação: os próprios alunos. Assim, os/as alunos entrevistados foram escolhidos a partir desse contato, participando tanto das entrevistas individuais, quanto as por turmas.

Realizei em torno de dez entrevistas com alunos e alunas, todos do ensino médio regular, sucedendo-se de forma grupal e individual, dependendo da disponibilidade das turmas e das próprias decisões do alunado em optar por conversar da forma que se sentissem mais confortáveis. Assim, duas turmas, sendo uma de 1º ano e outra de 2º ano se disponibilizaram a conversar de forma grupal.

Na turma de 1º ano, as entrevistas se deram dentro da sala de aula, logo após uma das suas apresentações nas feiras. Nem todos os alunos da turma se dispuseram a conversar e participar da entrevista e, em sua grande maioria, foram as meninas que falaram, participando apenas um menino, que pouco falou.

Na turma de 2º ano as entrevistas também ocorreram dentro da sala de aula, entretanto todos os alunos participaram, todos se dispuseram a ouvir as perguntas e as respostas de seus colegas. Entretanto, a participação ativa não foi total, novamente, foram poucas as alunas que conversaram e responderam os questionamentos, havendo a participação apenas de dois meninos. Contudo, ainda que nessa turma as respostas fossem de poucas alunas, transpareceu que todos estavam muito interessados na entrevista, atentamente escutando e acenando com a cabeça.

Com os docentes, as entrevistas se deram de forma individual, no total de quatro entrevistas. A escola possui duas orientadoras, porém conversei apenas com a que aqui chamarei de Ana, orientadora da escola há 22 anos, formada em pedagogia e com especialização em psicopedagogia<sup>9</sup>.

Mesmo contando com um número relativamente pequeno se comparado ao número de docentes e discentes da instituição, a temática envolve questões muito polêmicas e com entrevistas longas e necessárias. Quanto aos professores, foram selecionados aqueles que mais foram citados pelos alunos durante a conversa de introdução na assembleia, assim como aqueles que estão ligados à área de humanidades e que também participaram e ajudaram os alunos na própria assembleia. Em vista disso, não foi utilizado o método de amostragem

---

<sup>9</sup> Em referência a Ana Lima Carmo, a Ana Montenegro, mulher, militante comunista pelo Partido Comunista Brasileiro, feminista e jornalista. Lutou pela libertação das mulheres e pelo povo trabalhador.

probabilística, mas sim de seleção, ou seja, não há possibilidade de que os resultados aqui obtidos sejam generalizados (BAUER, GASKELL, 2014).

Nas análises das entrevistas, não será utilizado todo o material transcrito e abordado, serão selecionadas algumas partes, não por considerar o restante menos importante, mas devido os próprios limites do trabalho.

## **5 O que a escola nos diz? Entrevistas com docentes, orientadora e discentes.**

Como dito anteriormente, as entrevistas foram semiestruturadas. Conseqüentemente, o questionário aplicado para cada professor(a) nem sempre foi igual, assim como a dinâmica, possuindo perguntas a mais dependendo das falas. Os temas centrais de cada pergunta, que foram feitas a todos os docentes, se deram em torno do conceito de violência contra a mulher, se já foram trabalhadas questões socialmente vivas que envolvam as mulheres, o papel do educador e da escola como um espaço de transformação da sociedade.

Portanto, a partir dessas perguntas podemos observar as diferentes relações dentro do espaço escolar, seja com a temática da violência contra a mulher, a relação com a própria docência e com a educação, as relações professor-aluno, aluno-aluno e professor-professor. Assim, as respostas das professoras e professor, da orientadora pedagógica e estudantes, serão dispostas juntas, porém o alunado separado em uma categoria própria, em torno dos temas acima citados para podermos visualizar essas diferenças e convergências quanto às temáticas.

### **5.1 As docentes e a orientadora pedagógica**

O primeiro professor a ser entrevistado, foi o qual chamarei de Fernandes<sup>10</sup>, atuante na escola há dois anos, formado em História, mas também ministra aulas de Filosofia, Sociologia e Religião. Meu primeiro contato com ele foi durante a assembleia estudantil, suas falas e engajamento na ajuda aos alunos foram bem impressionantes, dizia aos estudantes que sabia que não deveria se meter porque Grêmio é lugar do aluno, mas que sentia a necessidade de falar, dizer a eles para se empoderar da escola, pois aquele espaço era deles, entender o funcionamento da escola, pegar para si, trazer a comunidade e fazer daquele espaço um espaço de luta. Contudo, além de suas falas, percebi durante todo o convívio com os discentes e nas próprias entrevistas, como a docência do professor era importante para o alunado. Sua forma de dar aula e construir com eles discussões e diálogos que poucas vezes puderam ter em outros espaços, fizeram com que hoje entendessem melhor sobre a vida e também o tornaram referência enquanto professor que trabalha os temas sensíveis da escola, além disso, ele é citado ao longo das entrevistas em vários momentos pelas próprias alunas, justamente como o docente que aborda temas de violência e mulher dentro da sala de aula.

---

<sup>10</sup> Em referência ao Sociólogo e professor brasileiro Florestan Fernandes.

Em relação à dinâmica da entrevista, ele é o único entre os docentes que escolheu realizar na presença dos alunos, com eles assistindo, entretanto sem intervirem. Apesar de eu ter sugerido algumas vezes que a entrevista fosse feita individualmente, apenas com ele, e que se não quisesse não seria um problema.

A segunda professora, foi o que aqui chamarei de Maria<sup>11</sup>, atuante na escola há seis anos, formada em pedagogia, mas atualmente lecionando sociologia. Com ela eu ainda não havia estabelecido muito contato ao longo de minhas visitas à escola e os alunos não a citaram como referências na problemática aqui tratada. Entretanto, por estar atuando enquanto professora de sociologia, acreditei que seria importante suas reflexões e posicionamentos para a pesquisa. Com ela, a entrevista também foi feita em sala de aula, com os alunos presentes, porém sem prestarem atenção.

A terceira professora, Frida, foi a que então descrevi durante o trabalho, como a professora de teatro. Nossa conversa se deu individualmente, dentro da sala dos professores.

A quarta e última professora, Heleny, não poderei de forma alguma identificá-la por pedido da mesma, sendo assim, não falarei sua formação, nem tempo que está no CIEP. Entretanto, ressalto que essa professora possui um vasto currículo de formação na área de gênero e de questões que envolvem as mulheres, sendo então uma referência para alunas e alunos, uma professora que é aberta ao diálogo, a conversa e a escuta dos problemas do alunados, sejam eles pessoais ou relacionados a própria escola. Por tal motivo, muitas vezes sofre em sua vida pessoal e profissional com a sua grande abertura aos problemas do alunado e por não se calar ao ver as problemáticas.

Ao perguntar aos docentes sobre suas concepções e entendimento sobre o que é violência contra a mulher, as respostas são as seguintes:

Eu entendo como violência, além da violência física, do tapa, do soco, do empurrão. A violência moral, o xingamento, a humilhação, a palavra que rebaixa a mulher, violência psicológica também, a manipulação, a forçação de comportamentos. **Fernandes, 2019.**

É tudo aquilo que subjuga a mulher de alguma forma, ela pode ser física, psicológica. **Maria, 2019.**

Além do clássico da violência física, os assédios em diversas dimensões, uns mais explícitos outros menos, mas são tantos. Essa violência velada de te colocar num lugar que tu escolheu não ficar, tu não é subserviente, tu não é menos que o homem. Na verdade, no dia a dia, na lida diária isso é sempre colocado e muitas vezes

---

<sup>11</sup> Em referência a Maria da Penha Maia Fernandes, mulher que luta contra todas as violências que atingem as mulheres, que fez de sua história pessoal referência para a criação de mecanismos de combate e prevenção à violência contra mulheres. Além disso, a escolha do nome Maria, também é por ser um nome muito comum em nosso país, pelas diversas donas Marias que vivenciam diariamente em seus corpos a dor da violência.

colocado como brincadeira, mas as próprias estruturas das coisas nos colocam dessas formas. Então, são muitas as violências. **Frida, 2019.**

Todo tipo de violência seja física, psicológica ou simbólica exercida contra às mulheres por razão de gênero. Isso causa uma profunda marca negativa na identidade, no seu estar nesse mundo, seja ele físico, psicológico e inclusive econômico das mulheres que sofreram algum tipo de violência. Não é uma violência comum, como as que outras pessoas sofrem porque essa é uma violência baseada no gênero, uma raiva que é transformada em ações e ela parte de um homem que hierarquicamente se sente superior a mulher. **Heleny, 2019.**

Assim, se convertem ao que Heleieth Saffioti (2015) nos define como violência, sendo essa quebra dos direitos humanos, pois ao definirmos como essa prática de violação, passamos a conceber de modo coletivo o que é violência e não mais de uma forma individual. Ou seja, não há possibilidade de o que é caracterizado como violência em dado momento, ou para tal indivíduo, não ser em outra situação. Portanto, Fernandes, Maria, Frida e Heleny, não respondem a sua percepção da violência contra a mulher apenas como a violência física, mas sim como esses diversos momentos de violação de seus direitos.

Em relação a situações na instituição escolar que caracterizam como violência, todos responderam positivamente sobre o questionamento, relatam situações de violência verbal e moral entre alunos no cotidiano. Até mesmo violências verbais entre professores, como ressalta Maria. Entretanto, ao falarem sobre a violência contra a mulher, sendo o aluno ou aluna vivenciando em sua casa, tal assunto é tratado por todos eles delicadamente e com mais rigor nas ações a serem tomadas, pois envolvem outros fatores, como a confiança depositada para poder se abrir sobre o ocorrido, o conselho tutelar, por vezes a comunidade e até mesmo sua integridade física e psicológica - como relatado a mim.

Alguns casos contados por uma das professoras, envolvem diversas problemáticas e situações extremamente delicadas, portanto decidi não apresentar aqui suas falas. Por entender que se trata de casos que podem gerar problemas tanto para os alunos envolvidos quanto para ela. Contudo, apenas relato que nesses casos de violência contra a mulher, todos exigiram participação da escola e envolvimento do conselho tutelar para fazer a mediação dos conflitos. Entretanto, o problema da violência e suas marcas são tão fortes que em todos os casos a evasão escolar ocorreu.

Por conseguinte, a professora Frida nos evidencia como a escola é um espaço que convive com a violência, sendo ela entre discentes, ou fora da escola, em situações que os alunos vivem em seus lares,

Aqui na escola a gente tem contato com aluno que traz essa questão mesmo da violência física que às vezes chega indiretamente, ou diretamente, o aluno ou aluna se sente confortável em falar sobre isso. Ou às vezes a própria orientação escolar nos passa, no conselho de classe, dos acontecidos, relatos dos colegas também. Até, assim, no meio das professoras eu não lembro de ter relatos assim, mas dos outros tipos de violência sim, verbalmente ou dessas situações de ser colocada em um lugar onde tu não quer estar. Às vezes com reproduções, com legitimação de comentários que foram feitos por outro professor, então eles acham bacana. **Frida, 2019.**

A professora Maria também comenta sobre como as situações de violência perpassa o espaço privado, ocorrendo situações até mesmo no espaço em que se trabalha, *“Já presenciei ofensas de colegas homens que são homossexuais, agredindo verbalmente colegas aqui. Demonstrações de machismo, que pra mim é uma violência, usar palavras de baixo calão.”* Podemos perceber através das respostas que a perpetuação da violência contra a mulher é difundida entre alguns docentes, ao legitimar piadas e comentários desnecessários sobre professoras. E como os alunos percebem essas atitudes como legitimadoras, as efetividades da violência simbólica de tais atos são importantes para consolidar entre estes estudantes pensamentos e atitudes que violam os direitos das mulheres no seu espaço de trabalho (nesse contexto, a escola), sendo usada contra elas questões preconceituosas, como aspectos pessoais, vestimentas, aparência física, etc.

O princípio da perpetuação dessa relação de dominação não reside em um dos lugares mais visíveis de seu exercício, isto é, dentro da unidade doméstica, mas em instância como a escola e o Estado, lugares onde cotidianamente são elaborados e impostos os princípios dessa dominação. (**FACHINETTO, 2012, p.115**)

Ao questionar sobre a necessidade de trabalhar a temática da violência contra mulher e/ou especificidades que envolvam a vida das mulheres, as respostas foram diversas,

Considero fundamental, importantíssimo, urgente trabalhar essa temática. Inclusive eu fiz cursos pensando nessa possibilidade, mas nunca tive apoio para que pudesse fazer esses projetos. Por outro lado eu trabalho sempre às questões das mulheres, sempre que é possível, com poesias, com trabalhos específicos. Esse ano mesmo realizei dois trabalhos bem grandes a esse respeito. **Heleny, 2019**

Olha, eu acho importante, mas vou ser bem franca contigo, quando o debate é tendencioso e o feminismo é usado sobre a fachada do femismo, isso eu acho perigoso. **Ela** não pode criar um outro grupo de guerra. [...] Não podemos criar problemas contra os homens. [...]. Deveria haver o trabalho com essas temáticas, inclusive com estágios de psicologia na escola. Sem esse caráter tendencioso dentro da escola, profissionais habilitados para trabalhar. Agora transformar isso num partido, numa bandeira que vai pegar um grupo de pessoas que se sintam humilhadas ou agredidas e transformar isso aqui num Afeganistão, formando guerrilheiros. **Maria, 2019**

A professora utiliza o pronome **ela**, sugerindo que está falando de alguma professora em específico, gerando embates com a temática do feminismo e da mulher. Demonstra as tensões existentes dentro do professorado, as divergências políticas, ideológicas e religiosas que se formam e que por vezes acabam resultando em inverdades. Podemos ver que muitas vezes esse embate, as próprias posições ideológicas e as relações de poder e de gênero afetam no tratamento dos temas sensíveis, que são essenciais para a construção cidadã e formação de vida do alunado,

Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais. (BNCC, 2017, p.577)

Entretanto o que percebo na docente é que ela opta por não trabalhar questões que envolvam a mulher de forma consciente e por uma posição pessoal. Colocando a frente questões pessoais do que a própria BNCC nos remete acima e que devem ser trabalhadas, diversificando o currículo e tomando frente em assuntos que promovem a emancipação e problematização de preconceitos enraizados.

O apoio psicológico citado por Maria é realmente importante e faria diferença na realidade escolar. Principalmente tratando-se de violência, pois, infelizmente a formação continuada não é garantida e nem incentivada pelo Estado. Além de muitas vezes as professoras sofrerem, ou terem sido vítimas de violência contra a mulher ao longo de suas vidas, assim como os professores terem vivenciado ou cometido estas mesmas violências. Portanto, é justamente um dos aspectos mais sensíveis e que desperta maior vulnerabilidade no desenvolvimento prático do tema, pois envolve diretamente o psicológico de cada indivíduo envolvido. Entretanto, apenas atendimento psicológico não resolveria a situação, visto que é um problema coletivo sendo fundamental ser olhado nesta perspectiva, pois somente desta maneira podemos nos responsabilizar enquanto sociedade e não culpabilizar mulheres na esfera individual.

Há também um receio das e dos docentes em tocar nos temas sensíveis e “abrir uma ferida, e não saber fechar” ou “tornar a aula uma terapia, e professor não é terapeuta”, como nos diz, Maria e Fernandes. Entretanto, esse medo se coloca de forma diferente nas conversas com a orientadora escolar. Por ser uma pessoa externa à relação professor-aluno, mas que lida diretamente com as questões que envolvem o alunado, suas famílias, o psicológico dos envolvidos e, por vezes, o conselho tutelar, acaba assumindo o papel do acolhimento, da

conversa, da mediação e suporte nos problemas e questionamentos que os alunos estão passando em suas vidas. Em suas respostas, pude observar o medo e a cautela em lidar com casos que pedem o envolvimento familiar e, em situações mais extremas, o conselho tutelar. Este último, por sua vez, exige um cuidado maior nas medidas a serem tomadas, por envolverem denúncias,

Bom, é tudo muito assim de recado, quando é namoro de menores, nós contatamos a família. Porque às vezes os pais não têm ciência do namoro, ou tem, mas não da forma que está sendo conduzido. Quanto a violência em casa, nós ouvimos muito as alunas contar que a mãe está sendo agredida, a gente ouve muitos relatos das meninas que vivenciam isso com a mãe, a gente tenta fazer toda uma conversa. Então nós tentamos fazer essa conversa com o aluno, porque a gente sabe que dentro de casa nós não temos como influenciar muito, em outros momentos nós denunciemos, o conselho tutelar foi acionado, o aluno foi retirado da escola e nós perdemos o vínculo e continuam naquele mesmo ambiente doente. Então, às vezes, a gente fica meio em cima do muro, no sentido de que se tu denuncia, a família vem e tira e tu não tem mais contato, ou tu continua dando assistência pro aluno, assim pelo menos a gente sabe que ele está seguro, e a gente está sabendo, da o acompanhando, ta dando apoio. **Ana, 2019**

Portanto, ao se deparar com esses casos mais graves a orientadora sempre tenta pensar em seus atos de forma que não perca o contato com o aluno, ou que não o prejudique, mas que possa continuar a atender e mantê-lo perto da escola, pois o aluno teria ao menos um espaço que não conviria com a violência, sendo um espaço que ele/ela pode se sentir seguro e depositar confiança. Demonstrando assim os diferentes medos relacionados à temática, um medo que parte dos professores e também da orientação, principalmente nas ações a serem tomadas.

Devemos pensar o quanto essas experiências e vivências dos alunos, como o próprio Fernandes nos coloca, de que sempre tem ao menos um estudante que pode relatar uma situação de violência, e nem sempre elas são diretamente ligadas a eles, mas que impactam as suas vidas. Impactam, pois elas são levadas para a sala de aula, não sendo colocados de forma aleatória, mas sim por ter os marcados, por gerar sentimentos e pensamentos. Consequentemente, cabendo ao professor transformar aquele relato em uma forma de problematização do que aconteceu ou o porquê daquele acontecimento.

Além disso, foi narrada uma situação de violência que uma professora vivenciou em sua casa, depois de passar um dia inteiro no trabalho e após ter participado de uma confraternização da empresa, chega em sua casa um pouco mais tarde que o habitual. Ao entrar, seus filhos estavam dormindo nos quartos, entretanto o seu companheiro a esperava, sentado junto à mesa com uma arma em sua mão. Ela me conta de como teve que agir de

forma cuidadosa e cautelosa, tentando negociar a sua vida e também as de seus filhos. Em suas palavras, *“eu não sabia o que fazer e não podia fazer nada, porque eu pensei ‘se eu correr ele pode não me matar, mas mata meus filhos. Se eu ficar ele pode me matar e meus filhos ficarem sem mãe’”*.

Dessa forma, quando falo das questões psicológicas envolvidas, para não transformarmos a escola em terapia de grupo, como ressalta o professor, e como elas não estão separadas dos problemas sociais da nossa sociedade, sendo um tema tão latente e sensível, que acaba por ser constante e não exclusivo a alguns indivíduos, pois chega a qualquer pessoa, independente da condição social. E é justamente por vermos em nossa sociedade situações como acima descritas pela professora, que devemos ver esse problema na vida escolar como uma totalidade. A violência está presente na vida e no cotidiano de ambos os lados, tanto professor quanto aluno. Portanto, é necessário o cuidado, o acolhimento, não somente para os estudantes, mas também para os professores.

A partir disso, ao questionar a orientadora Ana sobre a quantidade de alunos que acolhe envolvidos com violência contra a mulher, ela relata, apenas dos números e casos dos quais se lembra, que seriam em torno de 30 casos somente em 2019. Sendo estes apenas os que ela ficou sabendo, obtendo o relato através dos pais, alunos ou professores. Ela ressalta a quantidade de outros que não terá conhecimento e não poderá acolher, alunos que sairão da escola sem um contato, uma conversa, um momento em que pudesse entender melhor o que acontece em sua casa ou até mesmo perceber que os relacionamentos não precisam ser levados dessa forma. Os sentimentos não resolvidos durante o ensino fundamental, e não trabalhados junto a ela, podem explodir no ensino médio. Ou seja, sabemos que não é possível resolver todos os problemas de forma individual e isso se mostra na realidade, para tal seria necessário centenas de orientadores em cada escola para lidar com diversas problemáticas que não são individuais, mas sim coletivas,

E isso tem muito dos sentimentos que não são trabalhados. Eu pego aqui, eu tenho as séries iniciais e o final, eu vejo muito essa falha na caminhada. Uma falha que acontece no ensino fundamental, e o vulcão explode no ensino médio. Onde eu não consegui resolver algumas questões, eu me criei com a minha mãe apanhando, daí eu chego aqui o conflito vem com tudo. Se gera muito a questão do ‘tu não vai ser assim, tu está em desenvolvimento’, mas às vezes o vínculo familiar é mais forte do que nós. Nós somos passageiros. **Ana, 2019.**

É a partir dessas situações que enfatizo a necessidade da formação continuada, do Estado se comprometer com a livre docência e também com o psicológico daqueles que participam da construção cidadã de milhares de crianças e adolescentes.

Não há como trabalhar este tema na escola sem a formação continuada de professores e daqueles que lidam com os problemas de cada aluno, como os orientadores, que estão diretamente em convívio e em uma relação de escuta (Abramovay, 2018). Sem a interferência do Estado não há mudança, essa interferência no sentido de fornecer meios para que o professor busque formações em diversos assuntos sensíveis,

Não é mais possível permanecer em atividade na sala de aula apenas com o que foi aprendido na formação inicial nas licenciaturas. É necessário ter espaços de aprendizagem constante para os professores acerca das culturas juvenis dos impasses políticos da educação nacional, das novas teorias e métodos de ensino e aprendizagem, dos novos conteúdos e temas transversais, das possibilidades tecnológicas que se abrem a todo instante no cenário educacional. (FACHINETTO, SEFFNER e SANTOS, 2018, p.11)

Assim, devemos pensar nessa formação docente como parte fundamental e necessária da mudança e transformação, principalmente para frisar e relembrar - devido ao momento que vivemos - a importância dos professores em sala de aula e a responsabilidade de formação desses jovens para a vida em sociedade e como devemos estar em constante transformação de nossas práticas pedagógicas.

O professor Fernandes, ao responder sobre a temática da violência contra mulher e/ou especificidades, fala muito sobre como a internet trabalha essas questões, e que normalmente tenta fazer recortes de gênero em suas aulas, mas algumas vezes gera muita polêmica. Relata como “os meninos e as meninas tem uma disparidade de comportamento, os meninos muito infantilizados, enquanto elas muito empoderadas”. Pergunto a ele - devido a sua fala sobre o empoderamento das alunas - se a escola possui alguma influência no modo como as alunas estão se colocando hoje em relação a forma como as mulheres são colocadas em nossa sociedade,

Acho que a escola não tem influência alguma, acho que esse tsunami de informação, eles e nós adultos, somos bombardeados por uma série de informações. [...] Acho que a gurizada vai buscar muito o conhecimento na internet. [...] Acho que a influência do discurso da internet é muito maior do que da escola. Um vídeo bem feito, vale 10 vezes mais que uma aula que às vezes tu não consegue prender a atenção. **Fernandes, 2019.**

Muito diferente do que vemos na fala da professora Frida, que concebe e acredita na instituição escolar e na educação como essenciais nessa transformação que está acontecendo no espaço escolar, principalmente quando o professorado não recua em trabalhar pautas que afetam problemáticas muito sensíveis em tempos de ataques à educação pública,

Tudo isso ao mesmo tempo que a gente tá vivendo momentos tão horrorosos, onde isso é atacado, eu vejo isso como uma resistência maravilhosa, e essa resistência está ocorrendo na escola, não é na rua, não é na família, é daqui pra fora. Porque mal ou bem a escola pública promove esses espaços, inclusive de liberdade, numa escola pública pode e deve se falar de tudo. Porque a gente não deve menosprezar a figura da professora ou do professor que está falando sobre isso, se tem um alcance, imagina quantos alunos que passaram por mim. É um trabalho de formiguinha, mas que tá se tornando gigante. **Frida, 2019**

Concebo que Frida percebe a educação pública como um espaço essencial para a resistência, para o não recuo de pautas sociais que tanto as minorias lutam para estabelecer e que tem efetividade dentro das salas de aula. Indo ao encontro ao que Lourensen (2018) nos fala sobre a necessidade de prover aos alunos não somente a ideia de uma educação libertadora, mas o fornecimento das ferramentas necessárias para a formação desse pensamento, desse comportamento nos alunos e nas alunas. Como Frida nos coloca, são os alunos de Black Power, as meninas feministas, os casais gays e lésbicos, e os próprios alunos em conjunto com os professores lutando por uma educação pública de qualidade. Sendo assim, percebo que o Ciep e o seu professorado, conseguem, ainda que com seus problemas e especificidades fornecer aos alunos essas ferramentas de libertação, de conhecimento, de construção de uma sociedade justa e menos violenta.

Ao longo da entrevista, Fernandes fala poucas vezes sobre a mulher de fato e passa a maior parte do tempo abordando a questão da internet e seu impacto atual na sala de aula, como sendo até mais importante do que o contato professor-aluno, comportamento este que me causou grande estranhamento. Foi neste momento que percebi uma problemática na dinâmica da entrevista, pois o formato ficou parecendo muito performático da parte dele, como se quisesse apresentar as reflexões para os alunos.

Outra fala que ele faz relacionada à influência da internet na vida do aluno é quando questiono sobre qual o papel da educação na vida dos estudantes,

Eles sabem muita coisa, tem muita informação pequena, fragmentada, mas não sabem pra que serve, não sabem interpretar a realidade, o cotidiano. Acho que a educação precisa cumprir o papel de organizar. A gente não é mais o educador, é o organizador de informação. **Fernandes, 2019.**

E também questiono o seu papel enquanto educador,

Eu vou me repetir, mas é organizar esse conhecimento. É daí que vem muito conflito, o professor não é o cara que sabe mais. [...] O conhecimento tá muito fragmentado e a cola que junta tudo isso, é a função do professor, a minha função. **Fernandes, 2019.**

É importante pontuar que estamos falando de uma escola pública, sendo assim, nem todo o alunado possui acesso à informação vinda da internet, devido às diferentes classes sociais que frequentam as escolas. Entretanto, compreendo que a fala dele não é somente neste aspecto, mas sim de colocar o seu papel e o da educação como menor diante da realidade que vivemos. A educação tem se tornado um ponto de polêmica, discussão e ataque entre segmentos e movimentos conservadores, como religiosos e o Escola Sem Partido, que começaram a conceber a classe docente como um mal a ser combatido, principalmente aqueles docentes que lutam por uma educação libertadora e transformadora. Conjuntamente a isto, a total precarização do trabalho dos professores, assim o professor vê a si mesmo enquanto um profissional obsoleto, não mais como figura central no processo de aprendizagem, mas apenas um “organizador de informações”, o que nada mais é do que o reflexo de uma imagem social que tem se criado em cima da profissão.

Dentro desse contexto de conservadorismo, ataques e precarização do ensino público, a escola no modelo atual se torna ainda menos atrativa para os estudantes, justamente pela dificuldade de criar diálogos e estratégias de aprendizagem que se conectem com eles. Apesar de problemática a fala sobre a relação da internet como meio absoluto de conhecimento, existe um ponto real a ser pensado e trabalhado, que é o fato das redes sociais, vídeos e conteúdos online trabalharem com o lúdico de uma forma que o ensino tradicional e mecanizado como é hoje, não dá conta de suprir.

O pensamento da professora Frida se coloca no oposto ao desenvolvido por Fernandes ao longo da entrevista, descrevendo o seu papel como educadora e o da educação como fundamentais na vida dos alunos e dentro da sala de aula,

Eu vou dizer que é um papel de muita importância, importância mesmo sabe, acho que eu sou fundamental dentro da sala de aula, não coloco como papel menor. Eu não acho que o meu papel fosse substituído com facilidade, ou por outro colega, ou por outra situação. A minha atuação aqui é imprescindível, na forma que eu coloco, na forma que eu construo, da forma que eu me esforço pra fazer. Enfim, parece um pouco arrogante isso, mas se eu não trabalhar com essa dimensão da minha importância acho que não faria muito sentido as com as coisas que te falei. **Frida, 2019.**

A professora Frida ao decorrer da entrevista trouxe um relato importante para refletirmos em torno da necessidade da temática ser trabalhada, apesar do desafio que a temática por si só traz consigo, por se tratar não sobre um outro distante, longe, que está nas estatísticas, mas por se tratar de nós, das colegas, das estudantes,

Tem um relato de uma aluna que me marcou bastante, isso já faz uns dois três anos que ela falou: ‘Ah professora, tu sabe que eu só me dei conta que eu sofria assédio quando eu entrei aqui no CIEP porque aqui se fala sobre isso e até então eu não sabia o que era assédio, eu achava que era normal o que acontecia na minha casa, e aqui no CIEP como a gente fala disso eu me dei conta que o que acontecia não era normal. [...] Quando ela me disse isso, eu notei que tinha uma outra dimensão, a dimensão de que elas entender que aquilo que acontece com elas não é o natural, porque talvez elas vivam em uma realidade muito deslocada, muito diferente daquilo que a gente possa imaginar porque ficamos na nossa bolha, achando que todo mundo sabe. **Frida, 2019.**

Em relação às temáticas que envolvem às especificidades das mulheres, Frida e Heleny nos dizem:

Trabalhei inúmeras vezes, com um conto, com algum poema, trabalhei com várias obras, com clipes de músicas, nesses momentos surgem muito relatos de vivência então a partir esses relatos fomos trabalhando diferentes situações e isso acabou com que eu me tornasse um pouco da referência dentro da escola para conversar sobre esses temas. Então muitas alunas me procuraram ao longo desses anos para pedir ajuda e isso porque elas realmente sofreram violência de namorados, familiares e de desconhecidos. **Heleny, 2019**

Portanto, podemos enfatizar que a temática da violência contra a mulher e como as mulheres são colocadas - ou não são colocadas - podem e devem ocorrer de forma transdisciplinar, não necessariamente trabalhada na Sociologia, mas sim como um dever pedagógico do professor e professora em pensar suas aulas para além daquilo que já nos é dado. As metodologias do professorado estão cotidianamente em desafio e devemos repensar em como trabalhamos a mulher dentro dela. De acordo com o que vimos sobre a Lei Maria da Penha, a violência contra a mulher passou a ser um problema que deve ser trabalhado por diversas instituições, não somente pela segurança ou saúde pública, mas como uma responsabilidade de todos, inclusive da educação (Piovensan, 2014). Então, observo nas tentativas de abordar a violência contra a mulher pela professora Frida ou pela professora Heleny indo em conformidade ao que vemos nas leis. Consequentemente, é a partir desse trabalho que a professora Heleny se torna referência para os alunos e alunas, uma pessoa que os estudantes podem contar caso vivenciem situações. Ou seja, por esse caminho a professora abre um espaço de diálogo e de confiança que talvez esse aluno não encontrei em outro espaço com outra pessoa.

A professora Frida nos mostra que não é preciso desenvolvermos e planejarmos aulas que trabalhem especificamente a mulher ou a própria violência, mas sempre que possível desenvolver planos de aula que contenham a narrativa da mulher. Pois assim, podemos

cotidianamente trazer a violência contra a mulher para esfera pública e não mais como um problema privado, delegado à família.

Se vou trabalhar pensadores, vou colocar também qual é o contraponto, quais são as mulheres que trabalharam sobre isso. Dentro da Geografia, a questão demográfica para que eles entendam porque a pirâmide etária é dividida em duas partes, porque não é a mesma situação, não é somente uma leitura numérica, tem o homem e a mulher ali, tem leituras diferentes. Bom, em História nem se fala né, em história isso é muito mais evidente, tanto quanto as questões que a gente chama de eventos históricos, como a leitura da própria historiografia, da gente pautar essas questões. Claro, talvez não seja da forma que eu imagine como a ideal, mas essa é uma tensão que eu sempre tenho, quando to fazendo meus planos de aula, colocar essas questões sempre de uma forma equilibrada para que os alunos tenham uma dimensão de que os processos históricos não são dados, eles são construções, e a construção é social e como a mulher é colocada nesse contexto faz toda a diferença nessa abordagem. **Frida, 2019.**

Esse processo de conscientização da violência contra a mulher para além do espaço privado, não é uma tarefa fácil e necessita de um olhar diferenciado das docentes, pensando e ressignificando suas práticas. Para bell hooks (hooks, 2017), cada sala de aula é diferente e as estratégias têm de ser constantemente modificadas para dar conta de nova experiência de ensino. O que dialoga muito com uma colocação realizada pela professora Frida, no qual ela diz:

Bom, a gente vai experimentando, na verdade, porque a gente vai experimentando os momentos também, e infelizmente agora a gente tem que pensar em estratégias para chegar nesse alunado. Quando esse esgoto foi aberto dessa gente louca saindo, de o feminismo ser algo a ser combatido e ridicularizado. Eu fui notando que dentro das turmas que eu tinha um alcance pra chegar nesse alunado, eu tinha que ter uma outra estratégia, então eu falava exatamente das mesmas coisas, fazíamos as mesmas coisas, mas por estratégia de mostrar como é a realidade material disso. ‘Então olha só, esses são os dados, aqui está a violência contra a mulher, porque isso existe no Brasil, qual é a estrutura social que permite que isso venha acontecendo, isso não é de hoje, é da história do país forjado através da violência, da violência contra a mulher também.’ A minha posição em sala de aula foi de procurar estabelecer um diálogo com esse alunado, porque esse diálogo estava quebrado, tinha uma indisposição a falar sobre isso. [...] Deixou de ser tão duro de ser trabalhado. Só que no meu caso eu tive que mudar de estratégia, eu tive que alcançar o diálogo de outra forma. É uma questão muito particular porque diz respeito a minha realidade, como eu considero e acho que tenho um bom relacionamento com as minhas turmas, eu me vali disso, e deixei isso como um elemento pra eu conseguisse chegar e através disso eles deram legitimidade para as coisas que eu estava chamando atenção para que a gente pudesse conversar. [...] Eu tive que pensar que nosso aluno vem de outra cultura, de outra estrutura, diferente da nossa bolha, e que a gente precisa ouvir sim, ouvir de verdade, entender onde está essa contradição. **Frida, 2019.**

No livro *Ensinando a Transgredir - A educação como prática da liberdade*, de bell hooks, diz “ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais

profundo e íntimo (hooks, 2017, p.25). Nota-se que são vários elementos que envolvem o desenvolvimento da temática da violência contra a mulher, assim como as especificidades das diversas realidades vividas por elas. Entre estes elementos está a dificuldade e os desafios de vivenciar a docência de forma plena, de falar sobre algo que diz sobre todas nós. E estabelecer um diálogo na relação docente-discente, como a professora Dr. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva disse em uma aula inaugural na UFRGS sobre saber ouvir e se dispor a não julgar, para que a partir de uma relação de respeito se consiga desenvolver temas tão delicados e urgentes como esse. É necessário que ouçamos os alunos, mas que escutemos de verdade. Principalmente para não praticarmos uma educação bancária, o aluno não está na escola apenas para escutar, mas também para falar, para criticar, para pensar. Assim, faço um convite ao leitor a ouvir os alunos.

## **5.2 As alunas e os Alunos**

As entrevistas com os estudantes se deram entre corredores da escola e em suas salas de aula, entretanto em nenhuma das entrevistas os professores estiveram presente. Os nomes dos alunos foram modificados para que não haja nenhum tipo de identificação, justamente por estarmos lidando com menores de idade.

Durante as entrevistas eles abordaram diversos assuntos e problemas que eles veem na escola, nos seus colegas, em seus professores e na sociedade. Contudo, em todas as falas foram enfatizados alguns assuntos, como as feiras de humanidades e de linguagens e a necessidade que sentem de trabalhar os temas que são vividos em seu cotidiano, como a violência contra a mulher. Fazem críticas a alguns professores(as) e equipe diretiva por não criarem projetos que eles possam se envolver, projetos esses que vão além das feiras, mas um projeto que seja contínuo de conversa e informações para e entre os alunos. Inclusive, durante as conversas eles citam a rádio da escola, *“A gente queria muito voltar pra esse assunto. Combater a violência, trazer informação e espalhar aqui sabe.”*

Os estudantes mencionaram as feiras como um momento de abertura para debates e diálogos que normalmente não acontecem no dia a dia escolar, ou não se tem tempo para discutir de forma mais contundente. Para eles esse é o momento de abrir os olhos de muitos estudantes para a violência, o preconceito, o racismo. Tanto o é, que a temática da violência e da mulher esteve presente em ao menos três turmas nas feiras de 2019.

Numa delas são trabalhadas as fases de um relacionamento abusivo, através de diversos casais e como as situações podem evoluir de violências “pequenas” para o feminicídio, “*Um relacionamento abusivo que ia aos pouquinhos sabe, com detalhes, tipo, atitudes pequenas até chegar numa agressão, ou morte.*” Importante ressaltar, que ao trabalhar esses diferentes casais o alunado pensou não somente em casais heterossexuais, mas também nos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, não só demonstrando a abertura deles a assuntos sensíveis de nossa sociedade, mostra também a capacidade de enxergar os relacionamentos não mais nos moldes tradicionais de concepção da família. Inclusive, ultrapassam as complexidades e dificuldades do ser enquanto não-heterossexual, para assumir uma postura de reivindicação pelo reconhecimento de suas existências dentro do espaço escolar. Quando questiono se a escola desenvolve diálogos sobre diversidade, eles criticam, que a escola não trabalha, não faz palestras, ainda que a comunidade LGBT deles seja grande.

Apesar de, segundo os alunos, a escola enquanto corpo docente não se incumbir abertamente deste papel de responsável sobre o debate e incentivo à diversidade, especialmente na questão da sexualidade, os estudantes estão se sentindo seguros, ou confortáveis o suficiente para levantar suas questões. Seja pelo próprio espaço de autonomia que a escola proporciona e encoraja, ou por uma conjuntura política que acirra esses debates, os estudantes estão motivados a criar pontes de construções sobre suas existências, se apropriando das suas próprias demandas e pautando isso no espaço público.

Outra apresentação feita por eles envolveu uma dança de casais, com gestos que identificavam que eles estariam brigando. Todas as vezes que as brigas ocorriam os homens davam uma rosa a elas, e ao decorrer da dança elas ficavam com hematomas até que acabavam por serem mortas. No relato das alunas, “*A gente teve um retorno bem legal, a gente fez com que as meninas interagissem com a gente.*” (Marilena<sup>12</sup>, 2019)

Pergunto a elas sobre a participação dos meninos nessas apresentações, se eles interagiram, se si preocuparam em entender melhor o assunto, o que elas estavam tentando dizer com a abordagem da violência. Para elas houve uma participação dos meninos essencial para o desenvolvimento do trabalho, ao montar a peça de teatro. Em outro momento de entrevistas, uma aluna Nilda<sup>13</sup> complementa a perspectiva dessa atividade,

---

<sup>12</sup> Os nomes de alguns alunos farão referência a pessoas que foram desaparecidas e mortas na época da Ditadura Militar no Brasil. Os nomes foram retirados da lista de mortos e desaparecidos da Comissão Nacional da Verdade. Sendo assim, Marilena Villas Boas Pinto que vivia na clandestinidade por participar de movimentos estudantis em sua época de faculdade. Militou pela Aliança Libertadora Nacional e também fez parte do Movimento Revolucionário 8 de outubro, morrendo aos 22 anos de idade.

<sup>13</sup> Em referência a Nilda Carvalho Cunha, militante pelo MR-8, morreu aos 17 anos, mais uma vítima do Estado brasileiro.

Nos surpreendeu bastante que quem mais levantou a mão foram as meninas, no caso de relacionamentos homossexuais. Só que assim, a gente fez essa pesquisa mas nem todos os meninos foram sinceros com isso por ter vergonha, ainda que ninguém esteja vendo. Eu lembro de um menino de uma das turmas que levantou a mão que já tinha batido em uma menina e tava com a namorada do lado. **Nilda, 2019.**

Em relação à participação dos homens na atividade, como a própria aluna disse, é difícil mensurar o quão positiva foi, no sentido da entrega e reflexão sobre os próprios atos, justamente pelo constrangimento e provável tentativa de fuga da responsabilização pela violência cometida. Inclusive, o menino citado foi mencionado outras vezes ao longo das entrevistas por ser conhecido entre as alunas como agressor, repetindo diversas vezes comportamentos violentos na frente de todos, dentro da escola.

Questionei, também, a escolha dos assuntos, se a ideia de abordar mulheres vinha dos estudantes ou dos professores. Em ambas as apresentações respondem que partiram delas, devido os casos de feminicídios que ocorreram durante as semanas de aula e por identificarem a temática como recorrente, gerando muita repercussão entre eles, também, por acreditarem ser um assunto que os afetam, de responsabilidade da escola em conversar sobre e alertar. Uma das turmas me relata da escolha do tema como uma forma de tocar em um assunto importante, mas que eles pudessem visualizar na sociedade, que realmente acontecesse.

De acordo com eles e elas, essa temática nunca havia sido trabalhada em sala de aula. Entretanto, ao fazer a pergunta de outra forma, as respostas foram diferentes. Perguntei a eles se em algum momento temas que envolvessem mulheres já foram trabalhados pelos professores, então, a resposta é positiva, inclusive eles mencionam a professora Heleny que os ajudou na formação da peça de teatro sobre assédio.

De acordo com Natália<sup>14</sup>, é necessário compreender os professores que decidem não trabalhar certos assuntos difíceis em sala de aula, pois nem todos sabem lidar com isso. Ou seja, aqui temos novamente a questão da formação do professorado para lidar com às questões sensíveis, e como a não existência dela afeta sim o trabalho de problemáticas que impactam diretamente nossa vida em sociedade,

Parte mais de alguns professores de saírem dos conteúdos deles. Uma coisa que me marcou bastante, no setembro amarelo eles só imprimiram um monte de coisa e colocaram no mural da escola. Não falaram sobre isso, não instruíram os professores a falar sobre, e os que falaram não sabiam como falar, porque não tem base pra falar, um conhecimento. **Natália, 2019.**

---

<sup>14</sup> Em referência a escritora gaúcha Natalia Polesso, autora do livro Amora.

Entretanto a aluna Helena<sup>15</sup>, enfatiza como muitas dessas problemáticas são abordadas por eles mesmos, pelos próprios estudantes.

Eu acho que não vem muito da direção ou dos professores mesmo, mas as coisas que a gente tenta mostrar tenta fazer é de nós mesmo, alunos para alunos, a gente se mobiliza muito, tenta juntar gente. Tenta fazer, como no mês LGBT, juntamos pessoas para debater, conversar. A gente faz porque nós não temos muito apoio, tem muitos professores que ajudam, mas é como a Pagú falou, os professores não tem preparo pra falar de todos os assuntos, mas acho que seria sim muito importante, deveria ter mais auxílio pra eles falar sobre essas questões. **Helena, 2019**

Além disso, conseguem construir uma análise sobre os resultados e mudanças em suas vidas a partir das atividades escolares,

Eram perguntas do tipo, ‘você já bateu numa menina?’, ‘tu já levantou a mão para uma menina?’, ou se ‘tu já foi agredida?’, ‘se alguém já levantou a mão pra ti?’. O índice de meninos que agrediram outras meninas foi bem pouco assim, mas o índice de meninas que agrediu outras meninas, foi de tipo, 25%. Na maioria das turmas, de uma a duas meninas levantavam a mão dizendo que já haviam agredido outra menina. Isso nos deixou bem chocadas, né. Porque se tu sabe de tudo o que acontece com a gente né e tu ainda agride outras meninas, é bem complicado. **Marilena, 2019.**

Eu percebi que é muito mais normal do que eu imaginava e que as coisas que eu achava fúteis na verdade não são e por a gente ser criada num mundo machista e que a mulher é o sexo mais frágil acontece coisas diariamente com quase toda a mulher que não deveria acontecer. E com o desenvolvimento do trabalho eu percebi que não é normal. **Iris<sup>16</sup>, 2019**

Vemos alunas e alunos que se dedicam a falar sobre os assuntos de forma coerente, com pesquisa, com dados. Não trabalham as temáticas sem antes perceber a sua necessidade, sendo ela fora da escola, ou dentro do ambiente escolar. E é a partir de suas percepções e análises da realidade e do comportamento dos seus colegas que decidem abordar os temas, tentando promover os direitos humanos e a cidadania. A porcentagem descrita pela aluna foi retirada de uma pesquisa feita por eles e elas na escola, demonstra como os alunos agem de forma coerente com as competências gerais da educação básica da BNCC,

7 - Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta. **(BNCC, 2016, p.9)**

<sup>15</sup> Em referência a uma mulher comum, como todas nós, que lutou contra a violência perpetrada por seu marido a suas filhas e também contra si.

<sup>16</sup> Em referência a Íris Amaral, empregada doméstica, morta aos 25 anos pela violência do Estado brasileiro na Ditadura Militar.

Para o alunado a temática da violência é importante, pois ainda que seja muito abordada e trabalhada pela mídia, nas redes sociais, precisa se estar falando o tempo todo para que haja mudança. E como dito por mim anteriormente e reforçado pela aluna, *‘Acho que essa temática deveria ser falada mais vezes, até porque acontece esse tipo de coisa na escola, e é onde a gente passa a maior parte do tempo. São pessoas que daqui a pouco vão sair formadas pra vida’* (Iris, 2019). Ou seja, a discente enfatiza o papel da escola como formador do alunado para a vida em sociedade.

Além disso, percebem essa incoerência em relação às mulheres ao fazer a pesquisa na escola, afinal, como podem meninas responderem que bateram mais que meninos em seus companheiros e companheiras. Compreendo que isso também é um reflexo da construção violenta nas relações entre mulheres, minando as possibilidades de criação de vínculos e afetos, sendo justamente uma das estratégias do patriarcado em isolar essas mulheres para que então não possam se ver coletivamente, enquanto classe oprimida e, portanto, potências de transformação. Neste contexto, é fundamental retomar o que a Lei Maria da Penha (2006) nos remete, o respeito à mulher e à vida sem violência independente de sua forma de relacionamento afetivo (Piovesan, 2014). Mostrando, portanto, como ela pode se perpetuar entre casais não heteros - no caso específico utilizado pelos estudantes na peça teatral, um casal lésbico.

Todas essas atividades e dinâmicas propostas pelos próprios alunos demonstram sua vontade latente de aprender, debater e vivenciar a educação libertadora e transformadora e, inclusive, encaram a escola como espaço fundamental para tal processo de aprendizagem. Porém, quando os docentes utilizam e recebem outras metodologias que não são engessadas, nem ensinadas através da educação bancária, e sim de uma pedagogia engajada, a visão dos estudantes é de que aquilo não é legítimo. Por vezes os alunos não enxergam essas diferentes abordagens e metodologias que muito se aproximam das suas realidades e assuntos relacionados a eles como aula, mas sim como uma conversa, *‘O que a gente aprende nesse sentido mais amplo, não é em matéria, é em conversa. Como a sora de Biologia que estava dando matéria sobre clonagem, e com isso ela deu uma aula sem estar dando aula sobre sexualidade’* (Aurora<sup>17</sup>, 2019), caracterizando uma contradição entre o que eles desejam das aulas e a leitura que fazem das mesmas. Contradição inconsciente, de tão naturalizada que é a concepção do ensino realizado exclusivamente através de uma educação que transforma os alunos em meros receptores.

---

<sup>17</sup> Em referência a Aurora Maria Nascimento Furtado, militante do Partido Comunista Brasileiro, que viveu na clandestinidade a partir do AI-5, morta aos 26 anos devido à violência do Estado genocida brasileiro na Ditadura.

A educação tradicional e mecanizada está tão enraizada na ideia de como funcionam as aulas, que os estudantes acabam, despropositadamente, tolhendo possibilidades novas de aprendizagem. Assim, a estudante diz que a escola nunca trabalhou, mas que alguns professores talvez. Ora o que seria a escola? Se não seus professores, direção e estudantes? Destacando aqui o papel fundamental que os/as estudantes vêm desenvolvendo ao levantar problemáticas para serem debatidas nas feiras. Vejamos algumas frases de como os discentes veem a escola e qual é o papel da educação para eles,

Na escola acho que é o lugar onde a gente aprende tudo, muitas vezes a gente aprende coisa na escola que não aprende em casa. Que nem a primeira vez que eu ouvi sobre sexualidade, foi quando eu tava no 4º ano. Nunca ouvi em casa sabe, o primeiro lugar que eu ouvi foi numa palestra que foi dada na escola. E que continuam [*os colegas homens*] fazendo coisas erradas porque acham que isso é certo, porque ninguém disse que é errado fazer isso com as meninas. E agem de uma forma normal porque nem os pais, nem a escola chama atenção. **Marilena, 2019**

Importante como os/as alunas veem o professorado, diferentemente do que o professor Fernandes nos aponta - colocando seu papel como menor ou menos importante -, ressaltando o papel da escola e dos professores em suas vidas. Vemos em Fachinetto, Seffner e Santos (FACHINETTO, SEFFNER e SANTOS, 2018, p.16) “o percurso escolar não é apenas um aprofundamento do conhecimento científico do mundo, ele é também a progressiva inserção dos jovens no espaço público, a compreensão de que os modos de gestão da vida que marcam a família não são suficientes para gerir o mundo. ”

Os estudantes acreditam que a escola é essencial para a sua formação cidadã, entendem que tem assuntos e problemáticas que só poderão conversar, discutir e entender melhor dentro do espaço escolar. Inclusive, ao longo das conversas e entrevistas percebo que os estudantes sempre citam, além da Frida e Heleny, o Fernandes como um desses professores. Portanto, saliento novamente, o quanto os docentes, algumas vezes, não têm dimensão de seu poder em sala de aula. Falo em poder não no sentido de autoridade, mas da prática de uma educação para a liberdade, uma educação que transforma, ou seja, o poder de proporcionar em conjunto ao aluno essas mudanças.

Para o estudante Aldo<sup>18</sup> é muito importante que a escola e os professores trabalhem essa temática, no entanto ele acredita que muitos destes têm medo, pois as famílias são muito conservadoras, não aceitando que alguns assuntos sejam falados nas escolas, como gênero, LGBTs, racismo, partidos políticos, feminismo. Sabemos que essa fala não foge da realidade

---

<sup>18</sup> Em referência a Aldo de Sá Brito Souza Neto, militante da Aliança Libertadora Nacional, sendo morto aos 19 anos em ação do Estado brasileiro.

das escolas, vimos nos últimos anos uma ascensão de movimentos, como o Escola Sem Partido, que enfatizavam a necessidade de uma educação “neutra”, quando, na verdade, o que querem é silenciar professores sobre assuntos considerados ideológicos.

A fala de Aldo não é única; a orientadora escolar e o professor Fernandes citam o mesmo, de que há sempre um cuidado ao se falar de temáticas sensíveis devido aos familiares, pois a escola normalmente promove um acesso a conhecimentos e saberes diferentes do que é visto nas famílias, sendo “um horizonte sensível para temas como questões de gênero e sexualidade, origem da espécie humana, [...] dentre muitos outros tópicos que alojam questões polêmicas.” (FACHINETTO, SEFFNER e SANTOS, 2018, p.14)

Ao falarmos das naturalizações cotidianas e culturais de um sistema de dominação patriarcal e machista que ensinam os meninos a assediar, a bater, a ser o homem forte e que coloca a mulher numa situação subalterna a eles, essas naturalizações são percebidas e ditas pelas alunas. Há o entendimento de que são formas de ser que foram ensinadas e perpassadas ao longo da vida,

O colega escreveu um texto sobre algo que acontece assim com ele, mas não que fazem pra ele, mas que ele faz para as mulheres. E que ele nunca tinha se dado conta de que era assédio e isso é uma coisa que os meninos acabaram vendo depois da apresentação que a gente fez. Muitas vezes os meninos não sabem o que é porque convivem com isso desde criança com pai, tio, amigo, assim. **Anatália<sup>19</sup>, 2019.**

A escola não pode ser vista apenas como um espaço em que os estudantes encontram os conhecimentos de cada disciplina e seus conhecimentos específicos. Deve ser vista também como um espaço de convívio entre os demais, entender seus papéis na sociedade, o respeito ao próximo, a propagação de uma sociedade sem violência e discriminação, entender como somos construídos socialmente, e também entender e perceber como podemos nos desconstruir para a transformação em sociedade:

Cada vez mais, no cenário contemporâneo, ela é local para os processos de sociabilidade e socialização. Entendemos aqui sociabilidade como o aprendizado de modo livre e espontâneo que acontece entre as crianças e jovens, testando os modos de relacionamento uns com os outros, ampliando seus círculos de relação [...]. Ao lado disso, a escola se pauta pelo aprendizado dos processos de socialização, ou seja, o conhecimento e experimentação de um conjunto de regras que marcam nosso convívio do espaço público e que são fortemente influenciadas pelas estratégias de negociação das diferenças. (FACHINETTO, SEFFNER e SANTOS, 2018, p.14-15)

---

<sup>19</sup> Em referência a Anatália de Souza Melo Alves, simpática ao Partido Comunista Brasileiro Revolucionário, foi morta aos 28 anos pelo Estado brasileiro na Ditadura Militar.

Conseqüentemente, quando os discentes olham para suas vidas, sua realidade, conseguem avaliar ocorridos não mais de forma naturalizadora, mas com problematizações, de negação do que se é colocado como legítimo. Vejo isso quando alunas relataram situações de violência em suas casas. Os relatos são feitos na frente de todos os alunos,

Ele foi trocar de roupinha a minha irmã e travou na cabeça dela, ele começou a empurrar assim, e a minha mãe, gritou com ele e pediu para parar que ia machucar a guria. Ela empurra o braço dele porque ele estava sendo muito estúpido, muito grosseiro. Daí ele empurrou a minha mãe e disse: a próxima vez que tu fizer isso tu vai levar um socão na boca. Daí ele começou a gritar, mandando a minha mãe calar a boca. Daí eu falei, ‘olha só tu não manda a minha mãe calar a boca, se tu não tá gostando vai embora’. Eu gritei, sabe falei pra ele parar. Depois ele veio querer alisar a minha mãe, como se nada tivesse acontecido, meio que querendo pedir desculpa. **Lourdes<sup>20</sup>, 2019**

Após o relato da aluna, todas as suas colegas começam a intervir, demonstrando uma situação de acolhimento, de que ela deve e pode contar com elas. Frisam que a mãe da aluna não precisa passar por isso, que é muito importante ter mandado ele embora, para prevenir. Entretanto, comentam do medo de intervir nessas situações, pois nem sempre os homens aceitam manifestações contrárias. De acordo com elas, devemos ter muito cuidado ao “*meter a colher*”. O segundo relato, é diferente, muito mais dolorido. Ali a discente, embargou sua voz, seus olhos ficaram lacrimejantes devido a importância daqueles momentos em sua vida. Seu relato foi o que mais me marcou,

Meu pai tentou matar algumas vezes a minha mãe quando eu era criança. Quando eles se casaram era tudo muito normal assim, foi depois que ela engravidou. Ele era caminhoneiro, ele ficava até meses longe de casa. Ele vinha no fim de semana, enquanto isso nos outros dias ficava eu e minha mãe sozinha em casa. E nesses dias que ele tava em casa ele acabava batendo nela, eu não me lembro muito porque eu era muito pequena assim, mas daí quando eu fiz uns sete anos de idade, minha mãe se separou dele. Nós ficamos um tempo lá ainda a gente só saiu quando eu já tinha uns 11, 12 anos. Porque assim mesmo separados ele, seguia ela. [...] Eu me lembro de flashes na verdade, tem um dia que eu lembro exatamente. A gente morava numa casa muito grande, e ela se trancou no banheiro só que pra mim aquilo não era nada. Ela falou pra mim pegar um brinquedo e ir lá pra fora e fiquei brincando no portão. A janela do banheiro era pra dentro da sala, meu pai quebrou a janela do banheiro e ficava gritando pra ela sair de lá e foi aí que ela chamou a polícia. [...] Assim, se fosse hoje e eles estivessem casados e ele batesse nela eu matava ele. Porque assim o amor é maior pela mãe, não pelo pai, tanto é que se eu tiver que ficar anos sem ver ele, tanto faz. **Esmeraldina<sup>21</sup>, 2019**.

<sup>20</sup> Em referência a Lourdes Maria Wanderley Pontes, militante do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário, viveu na clandestinidade, sendo morta aos 29 anos pelo Estado brasileiro na Ditadura Militar.

<sup>21</sup> Em referência a Esmeraldina Carvalho Cunha, mulher que teve suas filhas presas e torturadas por agentes do Estado na Ditadura Militar. Sendo presa em um sanatório após a morte de uma de suas filhas, entretanto há indícios que isso aconteceu, pois ela denunciava ações do Estado.

As sequelas da violência contra mulheres se manifestam de inúmeras formas, aqui vemos uma delas. Sentimento de muita dor que essa aluna carrega, entendendo a situação da violência como a vida e a morte, pensar na morte de seu pai, como a solução de um problema público. Problema este que não vem sendo debatido nas escolas, nem pelos pais, nem pelo Estado, vem sendo relegado ao plano individual e personificado dos casos. Deixando crianças e adolescentes crescerem sem uma perspectiva de mudança e transformação do cenário da mulher, assim, naturalizando a violência.

Algo recorrente na fala dos estudantes é a relação com a direção e como eles visualizam o tratamento da escola perante a temática da diversidade. A visão de como uma escola deveria lidar com tais assuntos é relativamente homogênea, sendo reconhecida a importância de tais assuntos. No entanto podemos observar que existe um certo desejo de que as propostas já venham ‘fechadas’, estruturadas, como se os estudantes não reconhecessem que para ser ouvido é preciso falar, fazer e não somente delegar ao outro algo que deve ser feito. A escola vem realizando projetos que vão justamente contra esse discurso, mas promovendo espaço em que os alunos e alunas possam discutir e realizar a partir de suas vivências e preocupações, como as feiras, tão citadas por eles, e o teatro da escola. Saliento que falo somente das expressões em que a escola garante o espaço, mas diariamente na instituição vem ocorrendo manifestações dos alunos sobre diversos assuntos socialmente latentes.

Se pensarmos a partir de uma proposta de ensino que tem como viés o interesse dos/das estudantes, o desenvolvimento da autonomia, ou seja, o protagonismo dos/das estudantes - o papel do professor e professora estaria muito mais relacionado ao auxílio, ao incentivo, ao olhar atento às demandas, do que a construção rígida de um projeto fechado. Para construirmos uma pedagogia transformadora é necessário que todos - não somente os docentes, mas também os discentes - sintam a responsabilidade de contribuir e não apenas delegar ao outro o “fracasso”,

Não é tarefa fácil, e revela o empenho de tantos docentes em ir além das aulas de suas disciplinas, e fazer do percurso escolar uma formação para cidadania e justiça social. São temas sensíveis, abordados na sala de aula com sensibilidade e em sintonia com os direitos humanos. (FACHINETTO, SEFFNER e SANTOS, 2018, p.26)

Isto posto, os docentes e o corpo diretivo devem ter a abertura de construção dialógica enquanto uma proposta pedagógica, como é o caso do CIEP. Conjuntamente, os estudantes precisam ocupar tais espaços, significando-lhes e ressignificando.

Ao questionar às alunas sobre o que elas consideram violência contra a mulher, Helena responde de forma muito interessante e novamente indo ao encontro de Saffioti, já a aluna Natália, faz em sua resposta uma diferenciação entre a violência “normal” e aquela praticada contra mulheres, vejamos

Violência vai desde a violação do espaço pessoal, tanto a violência normal, ou a violência contra a mulher é a violação da minha dignidade. Acho que depois vem a verbal, a física, a violência moral vem primeiro, eu acho pelo menos que esse é o princípio. **Helena, 2019**

Violência contra a mulher é pior ainda, começa na violação do espaço dela, privar a gente de ir até um local, nos privar de sair, dificultar as coisas. A violência em geral é física, verbal, moral, mas a violência contra a mulher ela já começa nessas coisas. E acho que antes de qualquer coisa vem a psicológica, que eu acredito que seja uma das piores, acho que vem antes de gritar contigo ele faz com que tu acredite que tu merece aquilo. Para depois colocar em prática tudo aquilo que ele tem planejado. **Natália, 2019**

As alunas compreendem a violência como uma prática que não está atrelada apenas ao físico da mulher, mas sim a todos esses diversos momentos de ruptura de sua integridade. Entendo que o debate da violência contra a mulher se mostra através de suas falas e de suas colocações, possuindo um aporte argumentativo bastante avançado para discentes de Ensino Médio, visto que utilizam termos próprios do debate acadêmico. Os estudantes entendem as violações e também se percebem como agentes de mudança. Isso é reflexo desses diálogos estabelecidos pelos professores, o fato de impulsionarem seus alunos a se abrirem, a dialogarem sobre temas tão diversos e vivos, para que consigam construir a si como seres pensantes e críticos ao machismo, ao patriarcado, percebendo as amarras que ferem às mulheres.

Novamente as alunas frisam a necessidade de os professores saírem um pouco de seus conteúdos, ou que ao menos tentem fazer o paralelo com suas vidas. Pergunto à aluna Helena sobre o porquê da escolha do tema feminicídio para a feira, ao qual ela me relata que a turma via necessidade de mostrar a todos que um relacionamento abusivo não necessariamente inicia de forma violenta,

A gente tentou retratar bem as fases de um relacionamento abusivo, tanto que a gente fala: PRESTEM ATENÇÃO NOS SINAIS. caso alguma de vocês se vissem em algum desses casos peçam ajuda, falem com alguém. Porque é isso né, muitas pessoas acreditam que a violência a física só bater, só que as fases de um relacionamento abusivo, são simples, muito simples. Por isso que tentamos separar bem os casais, mas fazer uma coisa continua, mas separar bem as situações pras pessoas verem bem as diversas violências e tipos de opressão que podem acontecer durante um relacionamento, qualquer que seja ele, pra elas também se conscientizarem mais, saber o que está acontecendo. **Helena, 2019.**

Os papéis das feiras na vida escolar e pessoal dos alunos, principalmente por ser um espaço tão importante no CIEP, em que se está presente toda a escola de acordo com cada turno, tem um papel fundamental na difusão de conhecimento e debates promovidos pelos e para os próprios alunos. Um espaço que promove a cidadania, o enfoque nas questões socialmente vivas, nos problemas que o alunado acredita ser importante apresentar.

Questionei os/as estudantes sobre a escola ser um espaço de transformação de nossa sociedade, se eles acreditam que a partir da educação poderia ocorrer alguma mudança em relação ao cenário da violência contra a mulher,

Sim, com certeza sim. Muito provavelmente se a turma dessa menina<sup>22</sup> já tivesse trabalhado isso ela já teria se tocado que não precisa passar por isso tinha largado fora. Porque o que a gente vê é que ela nem pensa sobre isso, porque a escola não pensa sobre isso. Tínhamos colegas na nossa sala ano passado que viviam em relacionamentos abusivos que só foram perceber depois que saíram dele. É diferente tu ter uma amiga falando sobre isso, ‘olha eu acho que tu tá vivendo num relacionamento abusivo’, aquela amiga que nunca gostou do namorado, ou a escola inteira te mostrando, todos seus professores que são graduados que estudaram pra estar ali, te mostrando que sim, tu está num relacionamento abusivo. Iriam confiar muito mais neles. Então acho que seria sim muito importante. **Natália, 2019**

Diferentemente da aluna Natália, Helena compreende que esse assunto não deve ser trabalhado apenas no Ensino Médio, mas sim desde que entram na escola

É muito mais fácil ensinar pra quem é mais novo abrir esse tipo de pensamento esse tipo de questionamento pra eles, do que desnaturalizar isso pra gente que já tem isso pronto na cabeça. Por isso seria bom ter desde pequeno na escola, pra crescer já pensando de uma forma diferente e depois passar isso pra frente. **Helena, 2019**

Assim, compreendo que as alunas e alunos reconhecem a escola como esse espaço de transformação, porém acreditam que não basta serem trabalhados apenas na fase final do ensino básico, pois a partir daí eles já teriam a “cabeça formada”, então seria muito difícil mudar. Outra ideia que trouxeram sobre como a violência contra a mulher pode ser abordada na escola, é na mudança da matéria de Ensino Religioso. Para eles é necessário que não enfoque em questões “banais”, mas utilize seu tempo para trabalhar as questões socialmente vivas, pois de acordo com as estudantes, “eu preciso saber da matéria, do conteúdo, mas também preciso saber que 80% das mulheres brasileiras já foram assediadas”.

---

<sup>22</sup> Nesse momento a aluna está fazendo referência a história que contou a mim de uma colega do CIEP que vivenciou um relacionamento abusivo.

Desse modo, professoras como a Frida e a Heleny são exemplos de mudanças estratégicas para alcançar esses debates e proporcionar transformações na vida dos alunos. Fazem eles pensar a mulher em nossa sociedade, não de forma distanciada, mas naquelas próximas a si, aquelas que fazem parte da sua cidade, da sua realidade e que podem participar de seu cotidiano. Percebemos como os professores estão engajados em inserir a mulher em suas aulas, o não recuo das pautas ditas como minorias é essencial para o ambiente escolar. Mostrando aos alunos que em tempos de Escola Sem Partido, eles não recuaram em falar sobre as demandas sociais, e por isso os estudantes também não devem.

Na verdade, o que se propõe na escola, e percebo de forma evidente, é o oposto. Se dá ainda mais espaços e abertura aos alunos para que eles não parem, não recuem, mas que se juntem na luta com os professores, que consigam criticar e problematizar a si e a sua sociedade.

A sora Heleny fez um trabalho esse ano, no dia da mulher, ela dividiu entre as turmas cada um pesquisaria sobre a mulher na saúde, mulher na ciência, mulher na cidade. Mulheres importantes para a cidade de Gravataí. O meu grupo ficou responsável por entrevistar a Vitalina, ela é a presidente dos sindicatos dos professores de Gravataí. Outros entrevistaram escritoras, outras do conselho tutelar. **Natália, 2019.**

## 6 Considerações Finais

O título do trabalho “*É popular bater em mulher?*” surge através de uma fala de uma estudante durante a entrevista, Marilena diz:

Eu tenho meu vô que acha que só começou agora, que tá em alta, que é popular. [risos] ‘é popular bater em mulher?’ Todo mundo sabe que vem bem de antes, não é de agora isso, só que foi agora que as mulheres viram que não é bem assim, que a gente pode, que a gente tem voz. **Marilena, 2019**

Recorro a essa pergunta como instrumento que sintetiza o processo de escolha do tema e também como resposta que encontrei durante as entrevistas com docentes e discentes. A uma certa medida, todos nos remetem à afirmação dessa pergunta, a violência contra mulher sendo naturalizada em nossa sociedade, enquanto um acontecimento popular, comum. Também destaco que a resposta dada ao decorrer das entrevistas dialoga muito com o que a estudante Eduarda nos diz, não é de agora, agora a gente tem voz. E essa consciência sobre a importância *da voz* faz com que a violência contra a mulher seja um assunto emergente que os/as estudantes sentem necessidade de estudar, pesquisar, falar sobre. E esses sentimentos surgem por eles se reconhecerem enquanto sujeitos de transformação, por saberem da sua capacidade de mudança, de dialogar e por entenderem o seu papel enquanto partes de uma sociedade. Não necessariamente todas possuem essa consciência de forma organizada/articulada, no entanto como violência contra mulher fala sobre si, sobre a mãe, sobre a colega e tantas outras mulheres que cotidianamente sofrem violência no Brasil, foi possível identificar esse interesse em torno do tema. Assim recorro a um trecho da música Roda Viva, do Chico Buarque:

A gente estancou de repente  
Ou foi o mundo então que cresceu  
A gente quer ter voz ativa  
No nosso destino mandar. (**Buarque, 1968**)<sup>23</sup>

Assim, enfatizo que o que encontrei no CIEP foram pessoas que buscam dialogar sobre problemas socialmente relevantes, dentre elas, neste trabalho, realizei o recorte da violência contra mulher e como a instituição escolar trabalha com isso, como as/os professoras visualizam, a orientação, assim como os/as estudantes.

---

<sup>23</sup> Letra da música Roda Viva de Chico Buarque, acessada em 25 de novembro de 2019. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/chico-buarque/roda-viva.html>>

Durante a pesquisa neste trabalho, estive em contato com professoras e alunas de escola pública e região metropolitana, uma experiência muito reconfortante e ao mesmo tempo difícil. Com todas e todos que pude conversar e fazer meu questionário, houve uma recepção muito boa. Inclusive a instituição foi muito receptiva quanto a minha pesquisa, permitindo a utilização do seu nome ao longo do trabalho. Reconfortante porque pude encontrar estudantes e professoras que estão utilizando da instituição escolar, em especial uma escola estadual, como espaço de reflexão e transformação, dialogando com o propósito da educação brasileira, conforme a LDB (1996) que prevê a formação de cidadãos críticos e atuantes na sociedade.

Percebi ao longo da construção desse trabalho e também através das análises das entrevistas, como no CIEP, o corpo docente e o alunado possui potencialidade e muita vontade de trabalhar os temas sensíveis, inclusive havendo muita abertura para manifestação dos alunos e dos professores quanto a temas que consideram relevantes para a sociedade, como vimos através das feiras e do próprio CIEP em Cena.

Entretanto, através das conversas com Fernandes e também com as próprias visitas à escola e com as relações criadas com os docentes, percebo como essa potencialidade pode estar em declínio (ou por vezes frágeis). Não porque os professores pararam de se importar com essas problemáticas, mas pela própria precarização da sua profissão. Ser colocado por todos como menos importante, como não necessário, faz e fará com que cada vez mais vejamos docentes adoecendo e agindo de forma que não agiriam em outro contexto de valorização da educação pública e do magistério como um todo.

Compreendo que a escolha dessa escola não foi aleatória, pois o CIEP não se encontra em condições de grande precarização como outras escolas do Estado e pelo próprio país. Pela sua estrutura, pela condição de seus professores, sendo sua maior parte concursados, uma estrutura física que se difere às demais, faz com que ela seja uma exceção e não uma regra no ensino público. Contudo é possível identificarmos um problema, pois reivindica-se que escolas como estas não sejam uma exceção e sim a regra.

E pensar na escola como a responsável total pela mudança do cenário da violência contra a mulher é delegar uma responsabilidade que vai além de sua real capacidade. Vimos, ao longo deste trabalho, como a Lei Maria da Penha passa a delegar a diversas instituições e segmentos da sociedade o dever e o comprometimento no combate e prevenção à violência contra a mulher.

A escola tem que pensar, assim como tantas outras instituições e no CIEP identificamos que é desenvolvido um trabalho de sensibilização e reflexão. Uma frase que a

estudante Helena me disse durante uma das entrevistas me chamou bastante atenção, demonstrando a sensibilidade deles ao tema: “*Prestem atenção nos sinais*”, ou seja, sempre estarmos atentas aqueles que estão à nossa volta e aqueles com quem iremos nos relacionar. Entendo também como um recado a todos, pois não somente quem está vivenciando uma situação de violência deve prestar atenção a esses sinais, mas também aqueles que estão a sua volta, portanto, um professor com seu aluno, um aluno com seu colega, com sua amiga, a equipe escolar com uma professora. Ou seja, devemos estar cercadas por pessoas que se comprometam de verdade na libertação das mulheres para uma vida sem violência.

Contudo, também problematizo sua fala, pois ainda se é delegado somente às mulheres a responsabilidade de transformar o cenário da violência contra a mulher, entretanto, isso não basta. Não basta ensinarmos às alunas os sinais, as formas, as violências, não podemos somente trabalhar as vítimas, mas devemos pensar e estar em constante reflexão também sobre e com os homens, a construção da sua masculinidade, de sua forma de se ver e enxergar no mundo, quais as suas referências pessoais. Nenhuma mulher é violentada apenas por não perceber os sinais, pois a violência é uma via de várias mãos, é a sociedade que ensina e normatiza situações de violência, de ciúmes, de descontrole dos homens e são os próprios homens que cometem os atos de violência contra mulheres. É normalização do homem como aquele que não chora, que não brinca de boneca, que não usa rosa, que não pode ser romântico, educado, amável, deve sim, ser forte, fechado, brabo e grosseiro.

Vemos que essa concepção não parte só de mim, mas do próprio campo de pesquisa, de dentro da escola, as meninas nos mostram os caminhos que acreditam ser necessários para a mudança e todos eles incluem os homens, os meninos. É assim que devemos ver a violência contra a mulher, pois se não visualizarmos a escola como esse espaço de transformação, mudança, problematização e conscientização de ambos os lados - dos meninos e meninas - não há efetiva transformação. Continuaremos a ver nossa sociedade violentando, matando mulheres.

As formas que a própria escola pode produzir essa violência, seja ela através do que as docentes falaram, na forma que são tratadas e colocadas “*em um lugar que não querem estar*” algumas vezes por alunos e professores, bem como o que as próprias alunas relatam, questões do uniforme escolar e as diferenças que são feitas entre os corpos dos meninos e meninas, considerado por elas uma violência, o que caracterizo também como simbólica. Uma violência que na maioria das vezes não é vista como tal, mas como uma norma escolar. Entretanto, uma norma que se aplica de diferentes formas de acordo com o sexo de cada aluno,

Acreditamos que isso da roupa gera uma desigualdade entre nós, acho que é uma coisa que nos reprime, pelo fato de a gente ter que estar nos escondendo, escondendo nosso corpo, partes que não tem nada a ver. **Anatália, 2019**

Assim a escola esbarra em obstáculos que a própria instituição reproduz e também nos que estão alheios a ela, mas que influem diretamente. Obstáculos estes que estão enraizados na cultura da sociedade e, conseqüentemente, nos próprios pais e comunidade escolar como um todo.

Os responsáveis, algumas vezes, optam por não conversar com os seus filhos questões que acreditam ser desnecessárias, como a sexualidade, a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, a gravidez na adolescência. A escola com frequência fica à mercê do proibicionismo dos pais, pois como nos relata a orientadora Ana, ao falar sobre a importância desses temas serem abordados pela escola,

A escola deveria abordar assuntos sim, mas daí quando tu aborda um assunto específico, vem a mãezinha lá do fundamental e diz que tu não pode trabalhar isso porque na casa dela não é trabalhado. Tu viu ali as camisinhas, aqui eu tenho que pedir toda uma série de autorização para poder fazer o meu trabalho que a família não faz. Nós esbarramos em muitos obstáculos culturais. **Ana, 2019.**

O que percebi ao longo dessa pesquisa é que ainda que seja um tema latente em nossa sociedade há um distanciamento no trabalho dessa problemática em sala de aula, nos meios acadêmicos, pelo governo e pela segurança pública. Ao pesquisar sobre a temática vemos que se encontra cada vez mais distante da escola, as pesquisas sobre violência contra a mulher e a instituição escolar são poucas, seja na área de sociologia ou da educação.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY**, Miriam; **OLIVEIRA**, Valeria Cristina de; **XAVIER**, Flavia Pereira; **BASTOS**, Luiza Meira. **Os caminhos da pesquisa em violência nas escolas: entrevista com Miriam Abramovay**. V.12 n.2 (2018): Revista Brasileira de Segurança Pública 23.
- ALBERTI**, Verena. **O professor de história e o ensino de questões sensíveis e controversas**. 2014. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/17189>>. Acessado em 24 de novembro de 2019.
- BANDEIRA**, Lourdes Maria. **Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação**. Sociedade e Estado, v. 29, n. 2, p. 449-469, 2014.
- BAUER**, Martin W.; **GASKELL**, George. (ed.) - **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 2014.
- BRASIL**. Comissão Nacional da Verdade. Mortos e desaparecidos políticos / **Comissão Nacional da Verdade**. Brasília: CNV, 2014. 1996 p. (Relatório da Comissão Nacional da Verdade; v. 3).
- BRASIL**, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF.
- BRASIL**. Lei nº 9.099, de 26 de setembro de 1995. Brasília, DF.
- BRASIL**. Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015. Brasília, DF.
- BRASIL**. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2016.
- BRASIL**. **Orientações curriculares para o ensino médio: Ciências Humanas e suas Tecnologias**. MEC, Secretária da Educação Básica, Vol. 3, 2006.
- BUARQUE**, Chico; **DE MORAES**, Vinicius. **Roda-viva**. Sabiá, 1968. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/chico-buarque/roda-viva.html>>. Acessado em 05 de dezembro de 2019.
- ENGEL**, Cíntia Liara. **A violência contra a mulher**. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/190215\\_tema\\_d\\_a\\_violencia\\_contra\\_mulher.pdf](http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/190215_tema_d_a_violencia_contra_mulher.pdf)> Acessado em 03 de dezembro de 2019.
- FACHINETTO**, Rochele Fellini. **Quando eles às matam, quando elas os matam: uma análise dos julgamentos de homicídio pelo Tribunal do Júri**. 428 f. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- FACHINETTO**, Rochele Fellini; **SEFFNER**, Fernando; **SANTOS**, Renan Bulsing dos. **Educação em direitos humanos: componente curricular indispensável na escola pública**

brasileira contemporânea. Educação em direitos humanos. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2018.

**FEDERICI, Silvia. Calibã e a bruxa.** Edição: 1ª. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

**GIORDANI, Jacqueline; SEFFNER, Fernando; DELL'AGLIO, Débora. Violência escolar: percepções de alunos e professores de uma escola pública.** Psicologia Escolar e Educacional. Vol. 21, n° 1, 2017.

**hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática.** Edição: 2ª. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

**INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA.** Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Atlas da Violência 2019.** Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: 2019. Disponível em:[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio\\_institucional/190605\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2019.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf) . Acessado em 05 de dezembro de 2019.

**LOURENSEN, Amanda da Rocha. “Tão longe, mas tão perto”:** significados de uma experiência de educação popular com mulheres em situação de privação de liberdade. 104 f. Monografia (Trabalha de Conclusão de Curso) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

**PIOVESAN, Flávia. Pela plena implementação da Lei Maria da Penha:** a luta das mulheres pelo direito a uma vida sem violência. In: Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero. Ano IV, n° 5, 2014.

**SAFFIOTI, Heleieth. Gênero, patriarcado e violência.** Edição: 2ª. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

**SAFFIOTI, Heleieth. Já se mete a colher em briga de marido e mulher.** São Paulo em perspectiva, v. 13, n. 4, p. 82-91, 1999.

## APÊNDICE

### APENDICE A – QUESTIONÁRIO REALIZADO NAS ENTREVISTAS COM OS ESDUDANTES DA E.E.E.M. MORADA DO VALE I.

#### INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

#### ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

1. Estuda no CIEP há quantos anos? Pretende concluir o Ensino Médio aqui?
2. Você gosta da escola?
3. Qual o papel da escola na sua vida?
4. Você mora num bairro próximo da escola? Se não, onde?
5. Você reside com quem? E com quantas pessoas?
6. Quais são as temáticas que tu gostas de estudar na escola? Por quê?
7. Sem falta de alguma? Se sim, quais?
8. Algo te incomoda na escola? O que você acha que poderia mudar?
9. A escola trabalha temas que você visualiza no seu dia a dia?
10. O que você considera violência? E violência contra a mulher?
11. Já presenciou alguma situação no qual você caracterizou enquanto violência?
12. Isso já ocorreu no espaço escolar ou com pessoas que frequentam a instituição escolar?

<p><b>13.</b> Caso tenha ocorrido na escola foi tomado que tipo de providência em relação à situação? Quem mediou? Professores? Direção? Estudantes? Orientação?</p>
<p><b>14.</b> Em algum momento foi trabalhado a temática da violência contra a mulher na escola, em sala de aula? Se sim, qual disciplina? Como ocorreu?</p>
<p><b>15.</b> Já estudou questões em torno da existência da mulher? Se sim, em quais disciplinas? Como ocorreu?</p>
<p><b>16.</b> Você considera que o debate na instituição escolar sobre violência contra a mulher pode colaborar para algum tipo de transformação da nossa sociedade?</p>

**APENDICE B – QUESTIONÁRIO REALIZADO NAS ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES(AS) E ORIENTADORA DA E.E.E.M. MORADA DO VALE I.**

**INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS**

**ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**

Nome: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_

<p><b>1.</b> Qual sua formação?</p>
<p><b>2.</b> Possui alguma especialização? Se sim, qual?</p>
<p><b>3.</b> Há quantos anos você leciona/trabalha na área? E no CIEP?</p>
<p><b>4.</b> Você leciona/trabalha em alguma outra instituição? Se sim, rede pública ou privada?</p>
<p><b>5.</b> Você é concursado ou contratado?</p>
<p><b>6.</b> O que você considera violência contra mulher?</p>
<p><b>7.</b> Já presenciou alguma situação na instituição escolar e como a escola procedeu?</p>

<p>Orientadora: Qual o seu procedimento ao descobrir casos? Quantos casos você já lidou ao decorrer da sua vida na escola?</p>
<p><b>8.</b> Foi conversado com todo grupo docente ou apenas com alguns professores? Orientadora: Vocês relatam aos professores caso esteja ocorrendo algum caso?</p>
<p><b>9.</b> Você considera necessário trabalhar com a temática da violência contra a mulher?</p>
<p><b>10.</b> E você já trabalhou com temáticas em envolvem questões específicas das mulheres? Orientadora: A escola já pensou em fazer seminários, palestras sobre a temática?</p>
<p><b>11.</b> Possui algum tipo de formação para essa situação?</p>
<p><b>12.</b> Caso tenha desenvolvido algum trabalho nessa linha quais ferramentas/metodologias foram utilizadas? Como os estudantes reagiram e os(as) colegas professores(as)?</p>
<p><b>13.</b> Você vê efetividade/retorno/transformação nas discussões que a instituição/você promove? Acredita na escola como esse espaço de transformação da sociedade?</p>
<p><b>14.</b> Qual o papel da educação/escola na vida do estudante?</p>
<p><b>15.</b> E o seu papel enquanto educador?</p>

## ANEXO

## ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR.

  
**TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO**  
 Trabalho de Conclusão de Curso  
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas– UFRGS

Nome da Instituição: E.E.M. Morada do Vale I  
 Nome do responsável: Lana Gomes Otero da Silva - supervisora

Este **Consentimento Informado** explica o Trabalho de Conclusão Curso de Licenciatura “*Violência contra a mulher: a escola como um espaço de prevenção e desnaturalização.*” para o qual a Escola Estadual de Ensino Médio Morada do Vale I, será a instituição de pesquisa. Por favor, leia atentamente o texto abaixo e esclareça todas as suas dúvidas antes de assinar.

Aceito participar do **Trabalho de Conclusão de Curso** “*Violência contra a mulher: a escola como um espaço de prevenção e desnaturalização.*” – do **Curso de Licenciatura em Ciências Sociais**, que tem como objetivo discutir a escola como um espaço de prevenção e desnaturalização da violência contra a mulher.

A minha participação consiste na recepção da graduanda Kauhana Zuboski Stoll para a realização da pesquisa.

Fui orientado de que as informações obtidas neste Trabalho de Conclusão serão arquivadas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS e que este projeto/pesquisa resultará em um **Trabalho de Conclusão de Curso** escrito pelo aluno.

Para isso,  **AUTORIZO** / ( ) **NÃO** .

Declaro ter lido as informações acima e estou ciente dos procedimentos para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso, estando de acordo.

Autoriza a utilização do nome da instituição no Trabalho de Conclusão de Curso:

**AUTORIZO** / ( ) **NÃO**.

Assinatura Lana Otero

Carimbo **Lana G. Otero**  
 Supervisão  
 ID: 24488478/01

E.E. de Ensino Médio  
 Morada do Vale I  
 Gravataí - RS  
 D.O. 07.06.20 - Port. 00157

Porto Alegre, 04 / 11 / 2019

PLAGEDER: Av. João Pessoa, 31 – 90040-000 – Porto Alegre – RS – Brasil - Fone: (51) 3308.3884 - Fax: 3308.32 81  
<http://www.ufrgs.br/plageder/plageder@ufrgs.br>